



o despertar

Mabel Collins

MABEL COLLINS

O DESPERTAR

Tradução de
CINIRA RIEDEL DE FIGUEIREDO

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

ÍNDICE

Prólogo		04
Prefácio		09
Capítulo I -	O Palácio da Instrução	10
Capítulo II -	A Morte Como Prova Psíquica	16
Capítulo III -	A Busca de Prazeres	24
Capítulo IV -	A Busca da Senda	29
Capítulo V -	A Mística Praia	32
Capítulo VI -	A Natureza Protetora	36
Capítulo VII -	A Condição de Felicidade	39
Capítulo VIII -	O Despertar do Espírito	42
Capítulo XI -	Os Mensageiros da Instrução	44
Epílogo		47
Um salão Místico de Instrução		49

PRÓLOGO

Por seu estilo e importância, este livro, ora traduzido para o nosso vernáculo, requer uma explicação ao ser apresentado ao público. À sua autora, Mabel Collins, já devemos um precioso livro, *Luz no Caminho*, ao qual ela aqui se refere, e que, por seu alto valor, logrou ser traduzido em muitas línguas e tem sido uma das obras mais comentadas pelos mais destacados cultores do espiritualismo, entre os quais cumpre salientar os renomados teósofos Annie Besant e C. W. Leadbeater.

Mabel Collins era uma inglesa, dotada de singulares faculdades psíquicas superiores, de que era senhora e não escrava, e que colocou a serviço de Seres da mais alta categoria espiritual. Ela conseguiu desenvolvê-las no decurso de sua evolução, mercê de vidas dedicadas ao bem da humanidade, ao seu desprendimento pelas coisas terrestres, à anulação de seu eu pessoal e à sua perseverante prática de meditações diárias. O que ela conseguiu não constitui um privilégio; está ao alcance de todos os mais valorosos que quiserem se submeter às mesmas condições e puderem preencher satisfatoriamente os mesmos requisitos, tal qual ela o fez de corpo e alma.

Se *Luz no Caminho* testemunha as suas conquistas internas e é um dos maiores frutos de seu labor espiritual, *O Despertar* indica as experiências porque ela passou para colher esses frutos tão perfumosos e oferecê-los às almas sedentas de vida superior. O primeiro está vasado num sentido enigmático, aparentemente paradoxal, porque se destina especialmente a meditações e ao desenvolvimento de faculdades superiores, como a Intuição. O segundo é mais ameno e descritivo, e tem por escopo principal informar indistintamente todos os interessados pelos problemas do além e do espírito, e ser como que um refrigerio e lenitivo às tremendas labutas da vida cotidiana, que exaurem as energias humanas.

Para Mabel Collins, *O Despertar* não significa um simples acordar da consciência no mundo astral, sem saber o que ali se está fazendo. Nem tampouco se trata de uma investigação para atender à uma curiosidade intelectual ou satisfazer desejos pessoais de autocrescimento.

Como estudiosa que era, ela pertencia a um seleto grupo de trabalhadores que naquela época investigavam, cada qual a seu modo, os acontecimentos presentes e passados registrados nos anais ocultos da Natureza (os *Akashas* dos hindus), e que de uma maneira ou outra poderiam auxiliar a introduzir no mundo uma nova era de espiritualidade.

Descreve ela como encontrou nos reinos superiores, sob inscrições simbólicas, os ensinamentos que foi capaz de interpretar com a ajuda da chave mística da Iniciação, que a habilitou a conhecer os segredos da Verdade una e eterna. Esses ensinamentos ela os transcreveu em *Luz no Caminho*, em sentenças breves e comentários concisos, que penetram fundo na alma do estudioso das coisas do espírito. No entanto, nunca é demais repetir que não são sentenças que devam ser lidas simples e superficialmente.

Hão de ser lidas, relidas e meditadas profundamente, e ser praticadas na vida diária, para que delas se possa extrair o perfume e a luz que guardam como gemas preciosas.

Atirou-se então a essa nobre faina aplicando seus poderes espirituais, e qual navegante audaz descobrindo continentes lendários, ela mostrou aos demais os centros de trabalho e de estudos nas várias regiões ocultas da natureza onde ia ingressando, e a situação dos que, consciente ou inconscientemente, ali também militavam.

Eram seres ainda presos a seus carmas bons ou maus do passado, e por isso enquanto uns colhiam e saboreavam frutos doces, outros provavam os mais amargos, pois tais foram as sementes que deixaram atrás de si. Além destes, outros havia que, mais felizes, buscavam mais luz e disseminavam seus cintilantes raios aos que se debatiam na escuridão.

A autora viu e observou fatos que os olhos físicos não podem alcançar, e neste livro procurou expô-los o mais graficamente possível para proveito dos demais. Os mais decididos poderão instruir-se, e por suas capacidades próprias se habilitarão, mais cedo ou mais tarde, a realizar experiências semelhantes, que lhes abrirão novas e ricas perspectivas para a vida. E se ela, mediante esforço próprio, conseguiu penetrar nos recônditos da natureza e encontrar a luz que buscava, outros também poderão fazê-lo e por seu esforço obter resultados semelhantes.

Quiçá para alguns, completamente leigos no conhecimento de outros mundos, este livro não passe de uma agradável fantasia, uma espécie de novela cheia de alegorias para embair a imaginação infantil. Assim não o interpretará, porém, o estudante que já experimentou, ainda que tenuemente, a vida estuante nos mundos superiores, mundos estes mais reais do que aquele onde nos achamos fisicamente. Para ele especialmente, o que aqui se descreve tem um profundo significado e real utilidade para a vida cotidiana hoje e em todas as épocas.

Muitos são os que têm também as suas visões ou feito suas incursões em outras esferas de vida e atividade; porém não entenderam, ou se as entenderam não ousaram declará-las, receosos de enfrentar o preconceito ou a zombaria ignara e mordaz. Esses, naturalmente, encontrarão aqui confirmação e esclarecimento de suas experiências, bem como respostas a muitas de suas interpretações ou dúvidas. E mais: poderão tomar-se conscientes de suas visitas a esses lugares, assimilar ali melhor as lições aprendidas, e ao retomar ao corpo físico, poderão recordar-se mais nitidamente de suas experiências e guardá-las fisicamente no cérebro.

A vida no além é uma continuação da vida terrena, porém com possibilidades imensamente maiores. Se aqui somos ignorantes ou sábios, ali continuaremos a sê-lo; se aqui tivemos prejuízos ou virtudes, ali também nos acompanharão; os amigos e parentes que aqui tivemos, ali poderão estar ao nosso lado. Assim, se na terra existem escolas ou centros de instrução, por serem necessários ao cultivo do espírito, pela mesma razão ali existem, e com recursos muito maiores. O ingresso e a frequência a escolas ou centros dos planos superiores não constituem privilégio de ninguém, pois são franqueados a todas as almas que desejarem aproveitá-las, e através deles, ascender progressivamente a cursos de graus mais elevados.

As tão propaladas visões e audições de videntes e médiuns, obtidas esporadicamente de seres, cores ou sons, mormente em determinadas ocasiões propícias, como em momentos de hipertensão nervosa ou psíquica, ou em sessões espíritas, nada têm de comum com as experiências e investigações de Mabel Collins. Sem cair numa espécie de torpor ou sonolência, ela penetrava conscientemente nas "salas de instrução", ora sozinha ora acompanhada de seu guia, segundo o tipo de observação a fazer, mas sempre mantendo a mente alerta e o coração tranquilo, condições fundamentais para que o estudante interprete e assimile com perfeita fidelidade as instruções que recebe.

Tudo quanto via ou aprendia, submetia a um severo controle de raciocínio e bom senso, e, tanto quanto possível, confrontava-o com os resultados levados a cabo por outros clarividentes, presentes ou passados. Difere tão só a sua linguagem, mais mística e poética, e talvez alegórica, enquanto que a de outros seria mais científica ou objetiva, senão mais tímida ou confusa. Não nos é lícito, porém, rejeitar *in limine* os seus ensinamentos, ou simplesmente deixá-los de lado, imobilizados sob o peso da dúvida ou esquecimento. Em realidade esses ensinamentos provêm de uma autêntica estudiosa das coisas do espírito, e que, como muitos de seus brilhantes contemporâneos, dedicou toda a sua vida em pesquisá-las e desvendá-las.

O estilo do *Despertar* não é *sui-generis*, e muito menos algo extravagante, pois é bem análogo ao estilo adotado e universalmente encomiado, pelo profeta Daniel e no *Apocalipse* de São João, guardadas, naturalmente, as devidas proporções. Entre uns e outros há de se ter em mente as diferenças da época em que foram escritas, e a finalidade que cada qual teve em mira. Disto não se há de também concluir apressadamente que a autora do *Despertar* haja simplesmente procurado imitar os dois iluminados Videntes do Antigo e do Novo Testamento. Só a ignorância crassa ou a miopia intelectual poderia levar alguém a tão leviana conclusão.

Hoje em dia o ocultismo deixou de ser um privilégio de poucos. Em toda parte se acumulam provas e mais provas sobre a continuidade da vida pós-morte. As necessidades e anseios da alma a impelem a uma indagação e compreensão mais inteligentes dos problemas e mistérios mais profundos do ser, e os homens se confundem em lutas titânicas que, por fim, os levam a sentir a ilusão das coisas passageiras que tanto os obscureciam. Tudo isto conduzirá a humanidade a libertar-se de sua situação psíquica e intelectual tão eivada de enganosas fantasias. Então se verá quão mais sensato e útil será não se tomar como simples ficções ou contos de fadas as provas tão numerosas e variadas trazidas e oferecidas pelos videntes ou profetas que lograram a inapreciável felicidade de se afastarem do mundo físico, ainda que por momentos, para fazer incursões conscientes pelas regiões hiperfísicas.

Se quiséssemos comentar O *Despertar* à luz dos conhecimentos já difundidos no mundo sobre religião, espiritualismo e psiquismo, poderíamos obter uma interpretação racional das visões simbólicas ali relatadas sobre mares, barcos, legiões de almas sofrendo em lagos lamacentos, umas ativas outras passivas, umas auxiliando e a maioria só recebendo, perceberíamos então quão difícil é ainda a vida no outro mundo para aqueles que estão cegos à realidade de que é apenas um reflexo a vida em nosso mundo terreno. Quase todos ainda buscam no outro mundo aquilo que já podiam ter encontrado neste,

onde nos achamos presentemente.

A vida da humanidade se assemelha, atualmente, a um barco navegando sem rumo certo nem destino definido. São tantos os caminhos a seguir, que ela se diversifica de uma infinidade de maneiras. O homem se enreda em tantas teorias e preocupações, que acaba colocando pedras de tropeço na estrada, às vezes já limpa para a sua caminhada segura, e não raro se precipitando em abismos por eles mesmos abertos a seus pés.

Todavia, existem Poderes ocultos, Hierarquias de grandes Seres, que neste e em outros mundos se apressam gerando e emitindo correntes espirituais capazes de impedir a perigosa derrocada da espécie humana. Por trás da tremenda luta que aflige o mundo, quer no campo material como no espiritual, existem Inteligências superiores, energias ainda desconhecidas pelos que não souberam elevar-se acima das peias de suas personalidades mortais, para identificar-se com seus Egos divinos e temos, centelhas que são da Consciência Divina.

Essas Inteligências são como sóis poderosos a iluminar a Terra, a resguardar o ser humano e a guiar seu frágil barco para porto seguro.

Como Mabel Collins, muitos outros espiritualistas e religiosos de todas as crenças, e mesmo os que não o sendo mantêm em seu coração um inesgotável amor pela humanidade, habitantes deste ou outros planetas, engrossam todos a corrente propulsora para o bem, um reservatório de energia concentrada, invulnerável às forças das trevas. São esses, realmente, os Filhos da Luz, que constituem um ainda pequeno mas invencível exército contra a hidra do mal e, na expressão de *Luz no Caminho*, "ajudam a aliviar um pouco o pesado carma do mundo e assim impedem os poderes do mal de obterem completa vitória".

Pareceu-nos de bom alvitre adicionar também, ao fim deste livro, um artigo de um abalizado ocultista, que se assina Alex, abordando o mesmo assunto, mas de um ângulo algo diferente. Esse artigo, extraído da revista *The Theosophist*, de 1912, intitula-se *Um Salão Místico de Instrução*, e contém preciosos e muito úteis ensinamentos. Seu estilo, mais discriminativo, indica diversas linhas de aprendizagem.

Alex é bem posterior à autora do *Despertar*. Como ela, mostra-nos que não aprendemos nada do mundo físico que não nos venha dos mundos invisíveis, onde a matéria, demasiado sutil, é mais maleável ao nosso domínio e aprendizado. Por isso é mais fácil ver-se e reconhecer-se a realidade nos mundos invisíveis do que no mundo condicionado aos sentidos grosseiros. E qual é o processo? Di-lo São Paulo: "Não atendendo nós às coisas que se veem, mas às que se não veem; porque as que se veem são temporárias e as que não se veem são *eternas*." (II Cor. 4:18.)

Então compreendemos quanto existe do orgulho e vaidade nos pequenos conhecimentos aqui adquiridos, sempre envoltos pelo véu da matéria densa que deforma a realidade da qual aqui percebemos apenas a parte mais grosseira e transitória. E se, não obstante isso, a ciência desvenda pouco a pouco os mistérios da natureza através de investigações, levadas a cabo por cérebros privilegiados e corações devotados ao bem-estar da humanidade, podemos desde já imaginar quanto conseguirá essa mesma ciência no dia em que a venda do egoísmo cair totalmente, pelo menos de uma terça parte do mundo.

Se cientistas materialistas, porém estudiosos e dedicados ao bem comum da humanidade, têm conseguido notáveis conquistas no domínio da física, química, astronomia e psicologia, e feito o mundo avançar em seu progresso, maiores façanhas poderão ser realizadas no futuro, quando o espiritualismo, em vez do denso materialismo, for a tônica dominante nos cientistas. Nessa época, a ciência se confundirá com a religião, e a religião com a ciência, pois ambas buscam, afinal, atingir e realizar a Verdade. Fora da Verdade, não há salvação, e nenhuma ciência ou religião pode subsistir por muito tempo.

Mabel Collins, Alex e tantos outros pesquisadores, passados, presentes e futuros, são todos pioneiros de uma nova e mais feliz perspectiva para a vida humana. Este seu livro é um convite para o despertar consciente, não apenas nos planos hiperfísicos, mas também para ingressar desde já nessa era, de horizontes mais amplos e risonhos. Aí a humanidade se sentirá e verá vivendo entre dois mundos, o material e o espiritual, e jamais se deixará naufragar no mundo material, mas subordinará este ao espiritual, de que aquele não passa de uma pálida sombra.

Então, e só então, os homens, esclarecidos, inaugurarão na terra "uma *nova Jerusalém*" e entenderão melhor as palavras apocalípticas: "E vi um novo céu e uma nova terra, porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe." (*Apoc. 21: 1.*)

Tal é, em síntese, a mensagem implícita neste livro, que é mais um luzeiro a iluminar o caminho que conduz a alma humana das coisas objetivas para as subjetivas. E tal é o motivo de sua divulgação em nossa língua.

CINIRA RIEDEL DE FIGUEIREDO

PREFÁCIO

Este ensaio tem por escopo provar ao entendimento do homem a mística realidade simbolizada pelo despertar cotidiano dos sentidos corporais e as maravilhas diárias do amanhecer. A vitalidade nos restitui a consciência física depois do silêncio do sono, e a luz perpétua nos envia, todas as manhãs, o assíduo mensageiro que nos desperta e dá a claridade necessária no mundo aonde voltam nossas almas após o seu descanso periódico. Do mesmo modo, quando a alma se desperta no outro mundo, a vitalidade lhe dá consciência e vista para gozar dos esplendores da nova aurora. Tão só exige do homem o desejo de uma vida melhor e o crescimento da própria consciência, a fim de que a aurora espiritual invada seu ser tão suavemente como a aurora matutina, de que ela é um perene manancial. Exige do homem apenas a faculdade de percebê-la.

Assim como os desejos da vida orgânica o capacitam a abrir os olhos, tal qual uma criança à luz do mundo físico, assim também o desejo da vida espiritual o capacita a abrir os olhos da alma à luz da sempiterna glória, da qual unicamente uns poucos e débeis raios penetram através da vestimenta corpórea, preservando-o de cair nos abismos do nada.

Enquanto a alma do homem habitar a perecível morada, por ela mesma escolhida, e que chamamos matéria, aqueles débeis raios continuarão penetrando em seu interior, e sua presença testemunhará o direito ao nascimento de uma nova vida. O homem não pode separar-se deste centro de luz, porque faz parte dele. Na luz vive e se move e tem seu ser, por mais que feche os olhos e estenda ao seu redor o denso véu de seus desejos concupiscentes. O despertar lhe chegará irremediavelmente, porque não poderá ficar sempre dormindo. Todos os homens experimentam parciais despertamentos; e para aqueles que logram ser mais conscientes, a vida dos sentidos orgânicos se toma um brinquedo infantil. O amanhecer é frequentemente na terra um espetáculo de inefável formosura, pois o momento da aurora tem por si mesmo a virtude de ser admirável. Sabem-no aqueles que nela acordam. Porém os que se despertam em regiões mais espirituais, veem as auroras que dão à vista anímica do homem o gozo da suprema certeza, e o libertam das flutuações do sentimento chamadas temor, dúvida, desespero e espanto, que provêm da obscuridade do véu material, e com ele se desvanecem.

A tarefa do filósofo esotérico é despertar o espírito dentro de si mesmo e dentro dos demais. É este o objetivo deste ensaio. O espírito que só se desperta em intervalos, em certos momentos das intensas emoções dos grandes entusiasmos, nas dores da enfermidade ou no transe da morte, raras vezes contempla a glória do amanhecer espiritual. Assim como esoterista experimentado é aquele que melhor aprecia na terra o valor da hora matutina, assim também os espíritos avançados nas esferas celestiais são capazes de receber dela o poder que infunde.

A vida cotidiana está iluminada pela luz do meio-dia, e a ela podem abrir os olhos os espíritos que se despertam somente de vez em quando. Gradualmente vão aumentando suas forças intelectual e evolutiva até que, por fim, conseguem a plenitude de luz e de vida.

CAPÍTULO I

O PALÁCIO DA INSTRUÇÃO

Faz uns vinte e cinco anos que consegui realizar pela primeira vez o fato de me separar do meu corpo, conservando completa consciência de meu ser fora dele. Isto foi para mim, realmente, o complemento de um feito pessoal, embora para um espírito adiantado isto seja um ato de grande simplicidade. Durante muitos meses me concentrei voluntariamente, durante horas, com o propósito deliberado de conhecer e inquirir ideias novas; porém, não imaginava e muito menos pensava em separar-me do corpo para obter a classe de conhecimentos que eu desejava; esta é a verdade. Distinguia claramente entre esta e a reunião de pormenores que lhe servem de roupagem; supunha que, para alcançar êxito em meus esforços, a verdade penetraria em meu entendimento ou se revelaria por si mesma em minha inteligência.

Em lugar, porém, de suceder o que eu esperava, fui paulatinamente me subtraindo de meu entendimento e inteligência, e meu espírito se sentiu conduzido como se fora uma criança, por novos e desconhecidos lugares. Por estranho que isto fosse, não senti o menor temor, pois alguém me levava pela mão, inspirando-me confiança semelhante à que infunde à criança a pessoa adulta que a guia. Eu não era capaz de apreciar a aparência nem o caráter deste ser, do mesmo modo que a criança é incapaz de discernir a personalidade de quem dela cuida. Só percebi que estava seguramente sustida e guiada, e que, embora cheia de respeito, não experimentava o menor temor. Pela instrução de meu guia soube que o lugar onde me encontrava era conhecido há muito tempo com o nome de *Palácio da Instrução*, e segundo tenho motivos para crer, existem outros psíquicos que o conhecem pelo mesmo nome.

Brevemente descrito, o Palácio da Instrução é um lugar do mundo astral que envolve o mundo físico, onde os espíritos não desencarnados recebem ensinamentos. É um admirável e glorioso arsenal de conhecimentos que derramam sua luz portentosa sobre os sucessos comuns do mundo; porém, como está situado dentro da região da matéria, ainda que o seja em seus sutilíssimos limites, os verdadeiros humbrais da vida física, infiro do que vi por mim mesma que os seres purissimamente espirituais que acodem ao Palácio da Instrução desde imensas distâncias, com o generoso objetivo de instruir os espíritos encarnados, só podem permanecer por pouco tempo numa atmosfera tão densa para eles.

Quando estive naquele lugar pela primeira vez, ignorava completamente como tinha chegado ah, pois minha situação anímica era de inconsciência. Em ocasiões posteriores tentei encontrar o caminho por mim mesma, porem tive grandes e frequentes dificuldades para ali chegar. No entanto, naquela primeira vez cheguei a conhecer o lugar onde estava, e vi que era uma vastíssima mansão, cujas paredes se perdiam em longuíssimas distâncias e cujo teto era tão elevado que os olhos não podiam alcançar. Conduziram-me através de um patamar, e abriu-se uma porta. O guia impeliu-me para dentro e fechou logo a porta atrás de nós. Encontrei-me num lugar

relativamente pequeno, ou pelo menos de dimensões limitadas, que tiraram de minha mente a ideia de ficar perdida na errática imensidade. Pude ver as paredes que confinavam a mansão. Não havia nela mesas, nem cadeiras, nem tamboretas, nem móvel algum. Ali, sós os dois, o guia me sugeriu que olhasse fixamente para a parede fronteira. Assim fiz, e vi que estava incrustada de primorosos adornos esmaltados e de brilhante pedraria.

Diante de tamanha maravilha, fiquei estupefata, contemplando-a com temerosa admiração, como que transportada por um rapto de inefáveis delícias. Nunca imaginara algo tão formoso como aquilo. O cadeirado não era tosco e basto como o dos arquitetos terrestres, e sim, finamente talhado em superfícies de tão esplendoroso e cintilante brilho, que dele parecia emanar uma luz que iluminava a mansão, pois não conseguiria distinguir outro lugar por onde a claridade pudesse penetrar. A vista não se cansava na contemplação daquele brilho, como ocorreria se proviesse de objetos materiais; ao contrário, cresciam o vigor de meus olhos e a força de minha vista tanto quanto mais nele os cravava. E então me falou o guia e me tocou nos olhos, e não vi mais nas paredes pedrarias primorosas e sim palavras em letreiros.

Um dos letreiros, o da extremidade, dizia: *Luz no Caminho*, isto muito claramente, bem como duas ou três sentenças que estavam inscritas imediatamente debaixo daquelas palavras. "Recorda-te delas - disse o guia -:- volta a terra e leva-as contigo. Escreve-as lá embaixo. Quando vieres outra vez, serás capaz de compreendê-las. O guia fez-me um ligeiro gesto, como de despedida, e instantaneamente me achei de novo na escura mansão onde me havia colocado para concentrar-me na investigação da verdade. Tão logo consegui o recolhimento necessário para isso, escrevi as palavras que tinha lido, Porém não pude compreendê-las, porque eram misteriosas para mim. Todo meu ser estava absorto na recordação do que tinha visto e na complacência de ter conseguido o bem inapreciável, que tantas vezes desejara, de ser instruída de haver adquirido um novo poder de separar-me conscientemente de minha envoltura material.

A segunda vez que fui capaz de me entregar à concentração, achei-me novamente, e sem saber como, no Palácio da Instrução, no interior da mansão que meu pensamento denominou desde então de *Capela da Luz no Caminho*. Uns psíquicos a conhecem pelo mesmo nome e provavelmente fizeram o mesmo sem que eu tivesse conhecimento disso. Outros psíquicos estão familiarizados com a beleza da cintilante pedraria que encobre a infinita maravilha da verdade enquanto a luz da instrução não os predispõe a descobri-la nas palavras. Consegui ler e recordar-me de algumas sentenças mais nesta ocasião, e fui enviada com a incumbência de escrevê-las, o que fiz nas regras e aforismos que com o título *Luz no Caminho*, são conhecidas dos estudantes de esoterismo.

Durante o tempo em que me dediquei a esta ocupação, fui sempre transportada inconscientemente ao *Palácio da Instrução*. Sem saber como, chegava ali ignorando qualquer dificuldade que pudesse existir relativamente à entrada nele. Porém, quando a tarefa estava terminada, quando me foi concedido o conhecimento que aspirava, encontrei-me em situação muito diversa. Tive que fazer então duas coisas: comunicar aos outros meus conhecimentos e eu mesma assimilá-los. Creio que para conseguir esta assimilação, teria que empregar metade de minha vida, tanta era a dificuldade que

encontrava, e só quando o meu guia me ditou o manuscrito: *Um grito longínquo* (acrescentado a *Luz no Caminho*), comecei a entender as sentenças que pela primeira vez me foram mostradas nas paredes do *Palácio da Instrução*.

Durante muito tempo, por anos inteiros, fui incapaz de voltar ao Palácio. Parecia que, já satisfeito o meu desejo e atendida a minha súplica, não era razoável transportar-me novamente à etérea morada, no estado de inconsciência em que me deixava a deficiente assimilação dos conhecimentos adquiridos. E conscientemente eu não podia encontrar o caminho. Mas finalmente o encontrei, após um pujante esforço de vontade que venceu o pesadelo de meu ânimo perplexo. Encontrei-me de repente numa escada de largos degraus de pedra, em cujo último patamar havia uma pesada porta de duas folhas, que dava acesso a um vasto edifício. Estava eu já em pleno ambiente, e embora às minhas costas se estendesse a campina, eu não olhava nem para trás nem para cima, porque me sentia impelida a subir pelos degraus e a entrar por aquela porta que intuitivamente calculava fosse a do *Palácio da Instrução*.

Mas os degraus eram muito escarpados e penosamente conseguiam. minhas forças escalá-los. Não obstante, logrei subir, empurrei a pesada porta e entrei no Palácio.

Eu poderia citar outros psíquicos que subiram a escada, empurraram a porta e conseguiram entrar algumas vezes, se bem que em outras caíssem desfalecidos. Em alguns casos, aqueles a quem em vida amaram e transpuseram o umbral da morte, os ajudaram a vencer os obstáculos. Porque os espíritos desencarnados que não se detenham a golpear as mesas das sessões espíritas, podem chegar a esta paragem do mundo astral, onde os guias os ajudam a encontrar seus amigos e a refrigerá-los no caminho.

Algumas vezes todo o recinto do palácio está cheio de espectros, muitos deles velados de maneira que não é possível identificá-los, e que, por outro lado, enquanto estão sob véus, não podem ver nem ouvir. Conforme aprendi, estes são os adoradores da verdade, as ferventes almas entre os espíritos dos homens que encontraram ali o seu caminho ou foram por amigos conduzidos ali em estado de inconsciência. Sua presença naquele lugar é o resultado de intensos anseios.

Estes seres chegam ali procedentes de todas as igrejas e religiões do mundo, e embora em muitos casos tenham totalmente apagados os sentidos espirituais, de sorte que mesmo que lhes tirassem o véu, não poderiam ver nem ouvir, sua relação com as forças ativas do bem lhes dá vigor e descanso. Em qualquer momento, ou por um acesso de fervor ou por um aumento intensivo da concentração em si mesmos, o véu pode cair, permitindo-lhes ver e ouvir a maravilhosa realidade da vida ultrafísica, que de repente inunde a sua alma. Assim, o homem verdadeiramente religioso e piedoso, por inconsciente que esteja dessa vida, leva uma imensa vantagem sobre o agnóstico e o ateu na peregrinação terrena.

Os antedescritos pormenores do interior do Palácio da Instrução têm sido comprovados várias vezes por muitos psíquicos, de modo tal que não podem atribuir-se à imaginação ou fantasia de uma só pessoa. Na extremidade superior há um grande altar e nele uma estátua de Buda, talhada em mármore negro. Frequentemente, o pavimento parece de mármore e está coberto de formas espectrais, algumas delas veladas e inconscientes, outras inteiramente conscientes e persuadidas de sua situação naquele

lugar. Algumas vezes há no pavimento uma larga abertura que desce retilineamente do centro ao extremo oposto, variando o seu aspecto segundo o motivo de sua abertura. Outras vezes o pavimento se assemelha a uma superfície de águas tranquilas nas quais podem ver suas imagens aqueles que sobre elas se inclinam e contemplam o fundo. As vezes é uma violenta e tenebrosa corrente, e em outras, um pacífico riacho em cujas margens crescem algas e flores.

Durante todo o dia 4 de novembro de 1905 se viu como que um rio de sangue sobre cujas águas iam passando as almas, e a figura de Cristo, sita no estrado do altar, as abençoava segundo chegavam. Quando das matanças dos judeus na Rússia, vários psíquicos no Palácio da Instrução viram a mesma cena, simultaneamente com aqueles assassinatos coletivos. No rio fluía sangue em vez de água, e sobre a corrente passavam as almas das vítimas, algumas delas crianças de primeira infância. Legiões de anjos e de purificados espíritos humanos batiam asas ali próximo, prestando umas vezes auxílio às almas que passavam pela corrente cruenta, e outras vezes conduzindo-as ao espaço astral depois de receberem a bênção de Cristo, cuja figura cintilava sobre o estrado do altar, radiante de luz e beleza, com as mãos alçadas em atitude de bênção à coorte de almas que iam passando. De quando em quando Ele atraía uma para si, apertando-a em estreito abraço, a cujo contato Ele revivia nela a memória de sua agonia e martírio.

Estranhas e maravilhosas cenas se desenvolviam neste altar, representativas de cada gradação do espetáculo da vida, e não tanto refletidas quanto reproduzidas sobre uma esfera mais alta, de sorte que seu significado espiritual pudesse ser compreendido pelos psíquicos capazes de ver e ouvir no mundo astral. O drama da história humana toma um novo aspecto, se considerado deste ponto de vista. Ao mesmo tempo aparecem outras cenas em outras mansões do Palácio, semelhantes às capelas de uma catedral. Desta semelhança provém o costume generalizado entre os psíquicos de denominá-las capelas.

A da *Luz no Caminho* se chama assim porque em suas paredes estão gravadas as sentenças e aforismos copiados sob aquele título, e que todos os discípulos que nela entraram puderam ler. Próxima a esta capela está a da Virgem, onde aparece a figura de Maria com os braços perpetuamente estendidos em atitude de suster os que, olhando-a como auxiliadora, passam por sua intercessão aos ilimitados espaços das esferas espirituais. Por trás da mística imagem penetra constantemente na escura capela um raio de luz, que envolve e liberta as almas que ali acodem pedindo auxílio.

Na tarefa de ajudar os espíritos humanos e no esforço de alçar-se à vida espiritual, estão ocupadas legiões de anjos e também de homens que já transpuseram o umbral da morte. Não só buscam seus amigos particulares, de conformidade com os brados do amor e parentesco, mas também se reúnem em coros para prestar auxílio aos humanos em tempo de guerra, epidemia ou matanças.

Perto da capela da Virgem há outra cujo nome ignoro e que só foi vista por um psíquico entre os que conheço pessoalmente. Quando entrei nela pela primeira vez, pareceu-me muito tétrica e, mais do que tétrica, lúgubre. Não pude ver nada em todo o seu recinto; porém atualmente tomei conhecimento de que há no seu pavimento uma grande cova em cujo interior o guia que me conduziu até ali, me ordenou que

olhasse. Bom tempo estive olhando antes que pudesse distinguir alguma coisa; tão sombria era. Vi então que além, muito no fundo, havia uma espécie de corredor tenebrosíssimo, pelo qual passavam continuamente homens e mulheres com pesadas cargas. Soube que essas eram as almas que na terra viveram inteiramente esquecidas e ignorantes da parte espiritual do seu ser e da vida ultratumba, e que de contínuo iam caindo na cova com a infeliz incerteza das folhas que no outono revolteiam pela terra.

Aquelas sombras passavam sem cessar, porém não juntas, não em companhia, não cientes de presença alheia, senão uma após outra, numa interminável sucessão cronológica. Ao cabo de algum bocado de tempo, fui capaz de vislumbrar um pouco mais além do caminho que seguiam, e vi uma figura de pé, no meio do caminho. Era Cristo. Conforme d'Ele se aproximavam, desprendiam-se algumas cargas que as vergavam, ao se convencerem de Sua presença, e com Seu auxílio se elevavam a uma melhor condição espiritual; porém muitas, demasiadas em verdade, passavam cegas diante d'Ele, sem se aperceberem de Sua presença. Não obstante, também estas, embora caminhando nas trevas, eram capazes de aliviar suas cargas antes de andar muito. Tanto quanto o homem deixa a terra, as coisas da terra deixam o homem.

A porta principal do Palácio, que tão pesada de abrir é no princípio, e que depois pareceu abrir-se por si mesma, está na extremidade oposta do altar, ao passo que todas as capelas que descrevi ficam à esquerda de quem olha para o altar da direção da entrada. Também há capelas do lado direito, mas eu só entrei nas duas imediatas ao altar. A mais próxima é a capela do fogo, onde penam os que voluntariamente sofrem tormentos expiatórios.

Junto a esta capela se abre a que serve de lugar às mais agitadas cenas. Há no centro uma mesa em cujo redor se reúnem os espíritos em conselho. Posso falar positivamente disto, porque muitos psíquicos (1) que conheço e que vivem ainda entre os trabalhos do mundo, se têm sentado conscientemente a essa mesa e podem corroborar quanto digo. Ali estão algumas vezes reunidos os espíritos, ainda encarnados, de homens que são direção e guia da humanidade; os espíritos de discípulos adiantados que, humilde porém confiadamente, se colocam junto a eles, e por último, os espíritos dos homens que deixaram a terra e moram em esferas espirituais de que ainda não podemos ter ideia.

Os conselhos que ali se efetuam, relacionam-se todos com a grande obra do aperfeiçoamento da humanidade e de sua libertação das ilusões pelas quais comumente se afana. No exterior desta capela há uma porta que, ao abrir-se, dá vista para a orla de um imenso mar, por onde, cada qual em sua barca, chegam os espíritos desencarnados, para assistir aos conselhos. Cheias de profundo mistério estão aquelas águas, que aparecem além do mundo etéreo e desaparecem em condições puramente espirituais. As velhas religiões supunham que davam passagem às almas errantes; assim o creram os egípcios e os gregos, e é atualmente uma ideia familiar entre os povos selvagens.

Todos os psíquicos que conheço pessoalmente, têm visto estas águas sempre que transpuseram as primeiras moradas do mundo astral. Sua passagem efetiva corresponde,

ao que parece, a provas psíquicas de morte, e seguramente que somente depois de passadas tem de haver a morte inteligível, porque só então se lhe revelará o universo material em seu verdadeiro caráter, isto é, como coisa temporária e insignificante, como uma casca de noz perdida na imensidade do oceano.

- (1) Na acepção de sensitivos, isto é, suscetíveis a influências astrais e capazes de atuar conscientemente do mundo astral. (N. da T.)

CAPÍTULO II (1)

A MORTE COMO PROVA PSÍQUICA

Mesmo os próprios adeptos do esoterismo consideram amiúde a morte como um fenômeno físico. A influência das ideias materialistas em nossos tempos é tão poderosa que muitos psíquicos de valor são afetados por elas, a ponto de chorarem ou sentirem a morte de seus parentes ou amigos. É frequente, em tais casos, escusarem-se dizendo que o defunto era necessário ao mundo, e que lhe fará falta. Nada disso demonstra com tanta evidência quanto o cérebro do homem limita os horizontes da vida. Aquele amado e útil espírito é necessário em qualquer parte, longe desta morada temporária e por mais digno de amor que seja, devemos acreditar que ele se adiantou no caminho da perfeição, o que é, certamente, motivo de alegria. "A morte, - disse André Jackson Davis - ou o chamado trespasse, é a coisa mais digna de admiração, em cuja perspectiva deveríamos pôr muito mais de nossa esperançada solicitude."

Observa Davis, com muita perspicácia, que o abandono do corpo, geralmente tão sentido pelos circunstantes, e apenas o acidente de um fenômeno. A falecida imperatriz da Áustria, que morreu de tão trágica maneira, estava convencida, muito antes, de que o abandono do corpo não só é um pormenor da morte, mas, também, pode subtrair-se completamente da realidade do fenômeno. Ela via na morte uma prova psíquica, segundo atestam suas palavras: "Há para todos nós, na vida, um momento em que interiormente morremos, sem necessidade de esperarmos a morte do corpo. Jorge Macdonald, recentemente falecido, escreveu estas linhas: "Melhor é a morte quando se terminou a tarefa, do que o mais afortunado nascimento na terra."

Ele previa deliciosos encontros no além do sepulcro, porque sua mente era fortificada pela crença na imortalidade não só dos seres humanos como também dos animais, que igualmente ele amava. As ideias espiritualistas de todos os países reconhecem prazerosamente a probabilidade de tais reencontros depois da morte, e esperam a libertação da alma do jugo em que a têm as limitações do corpo.

Todas as religiões infundem em seus crentes a esperança de um céu idealizado segundo a índole dogmática da respectiva confissão, Mas as velhas doutrinas que do Egito têm chegado até nós, ensinam mais do que isto: ensinam que o espírito do homem está destinado a penosas gradações progressivas no curso da prova psíquica chamada morte, e para isso ele necessitará de muito auxílio em todos os sentidos. O complicado ritual dos egípcios, cheio de profundos e ocultos significados, se baseava na crença de que o espírito tinha necessidade de ajuda para vencer as dificuldades que se lhe opusessem na conquista de melhor vida no outro mundo. Assim, depois da morte, devia procurar uma conveniente assistência para que pudesse tomar a gradação a que propendia a mudança psíquica. Semelhante complicação de simbolismos é desconhecida no moderno Ocidente, onde dista muitíssimo a ideia de que o espírito tenha de realizar um grande esforço imediatamente após a morte corporal. Contudo, os seres invisíveis que rodeiam o moribundo, lhe sugerem

a ideia de tal esforço, como o provam muitos casos sobrevividos nos leitos mortuários.

A Senhora Francisca Power Cobbe disse uma vez à autora desta obra, que acreditava ter aprendido muito das últimas palavras proferidas por um moribundo. Nem o mais ativo observador poderia reunir uma coleção destas frases póstumas, ali onde os médicos mandam no quarto do enfermo e cuidam tanto do corpo que se desintegra e nada do vivente espírito. Se um moribundo fala de grandes coisas e intenta descrever o que sente naquele momento, o médico diz que delira ou desvaria. Eu mesma já estive junto a um leito de morte, onde, ao ouvir o médico o doente falar sobre a visão de um templo que avistava pela janela, disse que este delirava. Os médicos, por força de sua profissão, se recusam a ver na morte uma prova psíquica, e desta forma atendem unicamente à cura do corpo. Isto o comprova o fato de eles desenganarem o doente quando entra em agonia, e considerarem trabalho perdido qualquer solicitude para com ele, com prejuízo do tempo que deveria ser empregado em tarefas mais importantes desta vida, qual a da transição de umas condições psíquicas para outras.

Se a morte fosse realmente considerada como o momento supremo da vida, e se os que velam soubessem escutar as últimas palavras do enfermo, certamente que conheceríamos mais profundamente a natureza da morte como prova psíquica. Não há dúvida de que, no solene transe, mesmo os mais incultos e ignorantes recebem auxílio espiritual dos que eles amaram no mundo e os precederam na vida eterna. Macdonald explica isto em seu tratado: *Sonhos Místicos*. A profunda tristeza deste poema nos representa o espírito pouco tempo depois de ter deixado o corpo, que ainda jazia no leito mortuário. A princípio, o alegre e regozija a presença de espíritos irmãos, perdidos para ele há muito tempo, e que agora o guiam e conduzem pela escabrosa senda. Porém chega o momento em que o noviço na vida espiritual deve aprender por si os rudimentos daquilo que ignorava. Talvez o espírito de um antigo egípcio não tivesse necessidade deste interregno de uma nova separação e prolongado isolamento, pois se achava preparado de antemão, com profundos e adequados meios.

O amor é a poderosíssima alavanca que eleva o ignorante. Os que já presenciaram a morte de rústicos camponeses, terão visto, segundo creio, que ocorrem sempre duas coisas: o moribundo sabe que vai entrar numa vida mais elevada, considerando esta elevação como uma dificuldade. E também está persuadido de que os parentes e amigos prediletos, falecidos antes dele, acodem a ajudá-lo na realização do esforço.

Certa vez eu estava junto ao leito mortuário de uma pobre velha que morava num cubículo, numa cidade do norte. Durante cinquenta anos tinha vivido no mesmo ambiente miserável e triste, sendo sua existência um modelo de abnegação, piedade e retidão. Muito tempo antes de sua morte, ficara cega devido a cataratas nos dois olhos. Ao aproximar-se o seu fim, vi com surpresa que ela dirigia seu olhar apagado para o teto da alcova, em atitude de contemplar o céu, e que depois baixava os olhos repetidas vezes; como se quisessem esquadriñar algo de cima até embaixo. Assim prosseguiu por algum tempo, até que, por fim, balbuciou o nome de duas de suas filhas, falecidas vinte dias antes dela, e disse: "Estão me atirando flores, flores muito formosas, e me dizem: Não será longo o transe, mãe; nós te ajudaremos." Esta

velhinha, devido à sua pobreza, necessitava da beneficência municipal, e assim, não houve ao seu lado nenhum médico que a declarasse em delírio, porque o médico dos pobres não teve tempo de demorar-se para ouvir suas palavras.

Outro caso de auxílio invisível na hora da morte, me foi proporcionado por um jovem e ignorante marinheiro, que tinha muito medo da morte. Não pensava morrer tão jovem, e quando o médico lhe anunciou a aproximação de seu fim, prorrompeu em terríveis e desesperados gritos. Mas, passada esta primeira aflição, disse-me que, embora sentisse tristeza por morrer no começo da vida, o que o mais o torturava era o remorso de não ter sido sempre bom. Parecia como se pensasse que era incapaz de conhecer seu ulterior destino; porém até o momento de morrer esteve murmurando penosamente: "Tudo vai bem; poderei subir, porque eles me lançam uma corda para que eu suba por ela." Esta ideia de ascensão foi filha de seu próprio entendimento, sem que ninguém lhe sugerisse nem dela se falasse.

O moribundo pertencia a uma família declaradamente irreligiosa e não professava crença alguma das que existem nas igrejas e capelas. Todavia, o amor e a morte realizam seus prodígios nestas almas, e com tanta galhardia como nas que recebem auxílio sacramental de pastores ou sacerdotes. Quando chegam no seu ambiente, a morte se lhes mostra por si mesma, não como o término final da vida e da consciência, e sim, como o trânsito de um estado a outro da vida.

Eu também assisti à mãe do jovem marinheiro pouco antes de sua morte, e como eu sabia do grande amor que tivera por seus filhos, perguntei-lhe se gostaria de se encontrar e unir ao jovem marinheiro e outras duas filhas já mortas. Devo advertir que a mãe tinha dois filhos adultos e solteiros que com ela viviam e dela cuidavam com solicitude. Por fim, ela me respondeu: "Não sei o que dizer, porque uns precisam de mim aqui, outros lá.". Perguntei-lhe se se recordava das filhas mortas, e me disse: "O, sim! Vejo-as e as escuto como quando viviam. Estão todos comigo." Poucas horas depois esta mulher morreu; porém, como eu não estava presente no momento de expirar, ignoro se ela disse algo concernente ao auxílio invisível.

Alguns espíritos puros e adiantados se elevam com tanta e tão admirável galhardia ao deixarem o corpo material, que não precisam, para isto, fazer o menor esforço, bastando-lhes um maravilhoso impulso de ascensão. Em certos casos os clarividentes têm visto figuras simbólicas de estranha formosura. Isto aconteceu com Francisco Willard, cujas últimas palavras foram: "Quão formoso é estar com Deus", enquanto os clarividentes viam como os anjos o levavam velozmente para além do alcance da vista. Não é raro que os clarividentes vejam estes anjos, cuja função é aguardarem a passagem dos espíritos purificados e conduzi-los até o primeiro trecho do caminho que ante eles se estende.

Considerada a morte como prova psíquica, é um grande consolo para as pessoas que presenciam ou têm presenciado a agonia de um ser querido, pois parece muito provável que o espírito já esteja empenhado na prova, algum tempo antes que o corpo tenha cessado de exalar os gemidos de dor que laceram o coração dos que o rodeiam. Durante a perda de consciência, que muitas vezes precede à morte, o espírito pode estar longe dali, ante-saboreando o prazer da completa liberdade de que logo gozará sem

empecilho algum. Um sentimento de temerosa solidão invade às vezes os que o rodeiam, quando o moribundo cai em profundo sono ou está sob a influência de um anestésico ou narcótico, como se o espírito já tivesse remontado ao espaço infinito nas asas invisíveis ou em áureas escadas, e não desejasse regressar a este baixo mundo. Pela última vez o enfermo abre conscientemente os olhos, fitando com amor os que ficam. Em seguida se despede.

Curioso caso aconteceu certa vez com uma moribunda. Tinha estado durante algum tempo sem consciência, e seu marido a fez voltar novamente a si por meio de enérgico reanimante. Ela o olhou com ar de reprovação e lhe disse: "Por que me fizeste voltar à vida? Estava próxima a escalar o cimo de uma escarpada encosta, quando me despertaste." Caiu logo em torpor, e seu marido, de joelhos ante o corpo, esperou que o espírito partisse sem embaraço nem estorvo.

Indubitavelmente, de acordo com a opinião da falecida rainha da Áustria, para o esoterista e para o discípulo o momento da morte fisiológica não tem relação direta com a desencarnação. Algumas vezes o desenlace do espírito se inicia anos antes da morte física do corpo, determinando o que nos parece uma completa mudança de caráter na pessoa cujo espírito está se desencarnando. Nestes casos, a vida fisiológica cessa sem esforço nem sofrimento, como sucedeu a Moody, que, ao recobrar suas perdidas faculdades pouco antes de morrer, disse: "Se isto é morte, já não tem valor. Quão glorioso! A terra se afasta e o céu se aproxima." Moody era grande amigo de Henrique Drumond, cuja morte ofereceu caracteres semelhantes. W. Robertson Nicoll disse dela: "Parecia como se os sofrimentos libertassem e ativessem as forças de sua alma. Os que o viram em sua última enfermidade, observaram que à medida que suas forças físicas decaíam, aumentava o seu vigor espiritual."

Sem dúvida que o momento da decisão psíquica de abandonar sua morada terrena, chegou no começo da enfermidade, ou talvez mais cedo, e o que os circundantes observaram foi o esforço do espírito para libertar-se do seu envoltório. Quão maravilhosos devem parecer estes instantes para os guardiães ultraterrenos, que podem ver com vista espiritual! Se o desabrochar de uma flor é para os olhos mortais um prodígio admirável, qual não será o espetáculo de uma alma que toma formas espirituais ao sair do seu cárcere terreno?

É verdadeiramente notável que muitos homens e mulheres célebres cujas últimas palavras nos foram transmitidas por seus amigos, olhassem a morte com o vivo interesse e ardente desejo de que fosse em realidade uma mudança de estado psíquico. O príncipe de Bismarck disse pouco tempo antes de morrer. "O dia de minha morte será o único feliz da minha vida." E o chanceler de ferro, cujos sofrimentos na última enfermidade tiveram o caráter da violência e trágico ardor que caracterizaram a vida do enfermo, morreu com a doçura de quem volta a nascer. Ao acordar de um sono tranquilo em que havia caído, viu sua filha que, sentada a seu lado, lhe enxugava a fronte, e disse: "Obrigado, minha filha", desvanecendo-se novamente, para não mais recobrar o conhecimento aquém do véu que oculta o misterioso umbral.

O colossal caráter de Gladstone demonstrou também esta maravilhosa e pacífica doçura nos últimos momentos de sua vida. Considerava a morte próxima como o

momento de despojar-se de uma vestimenta já estropiada e velha, conforme disse numa carta dirigida ao doutor Guinnes Rogers, ao falar da *feliz mudança de vestimenta*. Um clarividente lhe predisse muito tempo antes de cair mortalmente enfermo, que morreria num carro de fogo; e o mesmo Gladstone manifestou frequentemente quão intensa dor havia sofrido como se em terrível fogueira. Mas uma profunda paz, a calma que segue às tempestades, invadiu-o antes de *mudar a vestimenta*, e considerou-se morto para este mundo, com muita antecedência à morte fisiológica. Quando Jorge Russell saiu de sua casa mortuária, disse que lhe parecia ter visto como se uma luz do céu passasse através da porta fechada.

Tanto Bismarck como Gladstone foram muito carinhosos com os animais, e com relação ao estadista inglês, sabe-se que o seu cão Petz não pôde sobreviver à morte do seu grande amo.

Petz era um cão lulu de nove anos, constante e fiel companheiro de Gladstone; era um desses animais sempre alegres, que constituem o encanto de seus amos. Mas, quando Gladstone morreu, Petz se entristeceu tanto que não teve mais a alegria própria de sua condição. Os esposos Drew levaram-no à aldeia de Buckley, próximo de Hawarden, e não obstante recusava toda carícia, escapando-se com frequência para vagar ao redor de sua antiga casa, até que por fim se deixou morrer de fome. Iria, quiçá, acompanhar o seu querido amo na grande viagem? Poderia ainda a sua amada presença servir com o seu encanto para o espírito desencarnado? O fato da imortalidade da alma dos seres que chamamos irracionais, não o nega nem pode negá-lo nenhum clarividente, e muitas cenas mortuárias corroborariam esta crença.

Eu mesma fui testemunha da morte de uma amiga que experimentou intensa alegria ao aparecimento de um cãozinho que já tinha morrido fazia dez anos. E não era alucinação e sim efeito de uma visão direta do animal, conforme vivera neste mundo. Minha amiga descansava tranquila e em aparência inconscientemente, quando de súbito tentou em vão levantar-se, refletindo em seu rosto a mais viva alegria.

"Oh! eis aqui o meu querido Mark - disse. - Dois formosos anjos mo trouxeram." Então, dirigindo-se a enferma aos visitantes, suplicou-lhes que lhe pusessem o cão na fralda, pois não podia mover-se. E o mais admirável foi que com suas mãos quase exangues acariciava a invisível criatura. Eu não fui capaz de ver o amante espírito cuja chegada infundira tal alegria na enferma. Porém, seus gestos me convenceram de que realmente ele estava ali presente. Durante alguns momentos ela o atraiu a si com uma mão, movendo a outra em gesto de quem acaricia a cabeça de um cão. Depois disse: "Já mo levam", e caindo exausta, porém com alegria no olhar, murmurou debilmente: "Estou contente; tê-lo-ei comigo outra vez."

A fidelidade de um cão teve, há pouco tempo, trágico fim no caso de uma viúva, que outrora fora muito rica e caritativa, porém que, por reveses da fortuna, chegara ao extremo de pobreza, necessitando dos socorros de beneficência paroquial. A viúva caiu enferma e não quis que a levassem ao hospital para não se separar do seu cão. Ao morrer aquela mulher, o animal afundou a cabeça entre as roupas da cama, deixando-se morrer de fome.

Em seu leito de morte disse "Valter Scott: "Sinto-me como se tivesse de ser eu mesmo outra vez." E as últimas palavras de Browning foram: "Nunca digais que morri." O ilustre poeta estava, desde muito tempo antes, persuadido de que a morte era um grande acontecimento físico, e na cena da morte de Paracelso sintetizou a maravilhosa comunhão de afetos que, chegando de ambos os limites da morte, consolam os que estão no transe solene. Nada mais Formoso e bem acabado do que sua descrição do moribundo Paracelso apertando a mão de um de seus amigos, sentado junto ao leito, e estendendo a outra ao espírito que ali revolteia à espera da desencarnação.

A presença da figura de Cristo junto aos leitos de morte, parece ser mais frequente quando o espírito do moribundo está inteiramente desamparado de amizades amorosas no mundo psíquico. Como exemplo do que quero dizer, referirei o caso de uma moça chamada Ana, filha de um colono de Lancashire. Era o que chamamos uma inocente e estava frequentemente possessa. Num dos aspectos de seu caráter, revelava a doce ternura e gentileza da mulher amada; porém, em outras ocasiões, era um ser espantável, acometido de acessos frenéticos. Sua família se sentia envergonhada de vê-la mudar de voz e empregar linguagem violenta quando caía em tal situação. Um irmão seu, à força de estudo e talento, chegou a ser mestre-escola. Na véspera da boda deste irmão, Ana disse à mãe: "Tive um sonho muito agradável. Vi um formoso jardim, muito mais formoso de todos os que pudesse imaginar, e ali estava Jesus Cristo, do outro lado da porta, em atitude de abri-la para que eu entrasse. A mãe respondeu: "Não me venhas com sonhos, e ajuda-me a fazer o almoço para teu pai, porque hoje é dia de muito trabalho." A moça obedeceu, e quando seu pai chegou, quis referir-lhe também o sonho que tinha tido, porém a mãe interrompeu-a dizendo: "Não sejas néscia. Teu pai não tem tempo para entreter-se com tontices de sonhos."

Ana não teve ocasião de contar o que tinha visto, porém a porta se abriu para ela. Na manhã seguinte a encontraram morta na cama, revelando doçura e felicidade em seu semblante.

O filho de um pobre operário de Lancashire ia se enfraquecendo pouco a pouco, por causa de uma queda de ombros. Certa manhã, no momento em que sua mãe trabalhava na sala, ele lhe disse de repente:

- Deixa o trabalho, mãe; não vês que Nosso Senhor Jesus Cristo está ali?
- Não O vejo - respondeu ela.
- Pois Ele está - disse o moço com firme convicção. - E tem um reluzente cinturão onde brilham as letras LUZ. Certamente que ouves os cânticos, mãe?
- Não - respondeu ela.
- Então devem ser os anjos da refulgente luz que dão boas-vindas ao peregrino da noite - exclamou o menino, morrendo quase no mesmo instante.

Suas últimas palavras demonstraram a recordação de algum hino predileto, mas também denotaram que tinha compreendido o significado da letra desse hino, e acabava de receber a auxiliadora companhia de que necessitava.

Outro caso, ocorrido na morte de dois esposos, corrobora tudo quanto estou me

esforçando por manifestar. O marido, homem sensível, era guarda-livros de um moinho, sem outra educação que a necessária para semelhante emprego, e portanto, certamente, nunca tinha ouvido falar do Santo Graal. Tanto ele como sua mulher eram bons, sensíveis, religiosos e esmerados educadores de sua numerosa prole. A mulher, pouco antes de morrer, cheia de esperança e de anelosa impaciência, falava a uma de suas filhas, dizendo o que pressentia para o futuro. De repente ficou silenciosa e a filha lhe perguntou:

- Mãe, conheces-me?

- Sim - respondeu; - porém não voltes a falar-me porque aí está Jesus.

Poucos minutos depois expirou.

Seu marido a sobreviveu durante alguns anos, e chegada a sua última hora, disse a uma de suas filhas que o velavam:

- Vejo coisas muito belas.

- Que são, pai? - perguntou a jovem.

- Não as conheço, - respondeu o moribundo - nem posso descrevê-las; mas são muito mais formosas do que tudo quanto vi até agora.

- Oh! Faça um esforço e diga-me como elas são - suplicou a moça.

- Há uma formosa luz - disse o pai - e no meio algo como se fosse o cálice do Sacramento, porém muito maior, mais brilhante e reluzente. Precisamente agora estava muito próxima de mim, à direita da cama.

Estando a ponto de morrer, disse à sua filha:

- Paqueta, vejo uma portinha branca, atrás da qual está tua mãe, mas, embora agora não possa abri-la, logo o conseguirei.

Todos nós devemos agradecer a esta jovem o desejo de saber o que seu pai via, e de haver se recordado do que disseram seus lábios moribundos.

Recordo-me do caso de uma moça que, pouco antes de morrer, teve uma visão tão doce, que mostrou desejos de explicá-la aos que rodeavam o leito, porém não foi isso permitido por causa do seu estado muito débil. Em vão lutou para conseguir que o escutassem. "Eu queria dizê-lo", exclamou ao expirar. Não perderam os parentes uma Formosa oportunidade? Eu não posso perdoar-lhes que se privassem, a si próprios e aos demais, de semelhante ensino.

Raras vezes o moribundo teme a morte. Só ouvi falar de dois ou três casos em que tal temor subsistiu nos últimos momentos, mas tratava-se de pessoas empedernidas no egoísmo de uma vida má. Mesmo as que sempre tiveram medo da morte, a perdem antes de morrer, como se a proximidade da libertação vencesse a timidez física. Não é o moribundo quem teme a morte, e sim os que o rodeiam. Nem mesmo é culpa dele que não tenhamos mais ensinamentos acerca do trânsito de uma vida para outra, senão que se neguem a ouvir as últimas palavras dos que morrem, ou as ouçam como efeito do delírio, se é que ainda não os forcem ao silêncio.

Aqueles que sentem a proximidade da morte algum tempo antes de ela chegar, se veem consolados por uma inefável emoção de paz e esperança, enquanto laceram os corações de seus parentes pela tranquilidade com que eles falam de seu próximo fim. Costuma-se tomar isto, ignorantemente, como resignação ou mera conformidade,

porém, em realidade é o resultado da mudança espiritual que se inicia, daquela mudança interior a que se referiu a imperatriz da Áustria, e que é muitas vezes o prenúncio de mortes repentinas e violentas. Certamente que isto não acontece tão somente quando a morte sobrevém por causa de enfermidades e, portanto, não é o resultado da doença do corpo, embora em alguns casos coincida com a perda de saúde.

Alexandre Ireland, falando de uma visita que fez a Roberto Chambers, o brilhante autor de *Vestígios da História Natural da Criação*, dizia: "Comove-me a perfeita serenidade, ou melhor, o gozo com que ele olhava o decaimento de seu vigor ao aproximar-se do inevitável fim. Falava das nuvens encobridoras da vida em que todos nos movemos, e da sua esperança em surgir do fundo das sombras e das trevas, para a plena luz." Através das portas da morte, surgiremos todos da sombra, e só assim a raça humana poderá chegar à sua definitiva liberdade. A morte é o mais importante acontecimento psíquico que se conhece; a coroa e remate desta vida ilusória.

(1). Este capítulo apareceu na *Occult Review* (Revista Oculta), de novembro de 1905, sob o título "A Morte Como Prova Psíquica". Reimprime-se nesta obra com a benévola permissão do editor da Revista.

CAPÍTULO III

A BUSCA DE PRAZERES

O Palácio da Instrução que descrevi no primeiro capítulo, é um lugar para onde vão, durante o seu despertar parcial, os espíritos ansiosos por aprender. Todos os espíritos terrestres desejosos de conhecimento e compreensão, ali se encontram uma ou outra vez. A faculdade de locomoção naquela esfera e de se tornar ali consciente, resulta puramente da energia da vontade, não podendo ser obtida por nenhum outro meio.

Há no mesmo Palácio vários lugares destinados a diversas classes de conhecimentos, e outros lugares existem do lado de lá, onde aparecem cenas grandiosas e inesperadas ante a vista dos espíritos humanos. Descreverei mais tarde algumas delas, que são acessíveis a todos os discípulos e aos que já entraram na Senda. No entanto, muitos entram no Palácio da Instrução com uma cega ânsia de conhecimento, ignorantes de que possuem sentidos espirituais cujo emprego deveriam aprender, e ali permanecem cegos e imóveis, como se estivessem amarrados ao umbral da vida divina.

O mais que aprendem é o, simples fato de que a realidade existe além da matéria. Geralmente não desejam adiantar-se na vigorização de suas faculdades e conhecimentos, até que algum acontecimento físico os liberte da matéria. A desgraça é às vezes o amistoso agente que disto se encarrega, e mais amiúde o é a enfermidade.

Durante a enfermidade, o espírito se evade e vagueia de um lugar para outro, enquanto o enfermeiro diligente emprega todos os recursos para curar-lhe o corpo. Porém, devido ao poderoso instinto de conservação inerente à espécie humana, alguns espíritos partem antes de terminar a prova corporal, para viver em lugares mais deleitosos ou de melhores condições psíquicas, ou mais apropriadas à aprendizagem. Outros são tão só capazes de ir às paragens denominadas infernos por aqueles que do além voltam a vista para trás.

Certa ocasião fui transportada para ver um extenso lago de muito pouca profundidade e de leito muito lamacento, cujo lodo revolvia, em atitude de busca, uma legião de espíritos encarnados na terra. Nenhum só rosto vi que por um instante se volvesse. De repente notei que vários se agrupavam ao redor de um homem que me parecia ter encontrado algo, que os que estavam mais próximos dele tentavam arrebatá-lo. Porém o homem se voltou para os demais com semblante pesaroso. Não tinha encontrado nada.

O guia que me conduziu àquele lugar, aproximou-se do homem e lhe disse: "O que buscas não está aí, e sim na margem." O homem veio então unir-se a nós. Do que disse entendi em seguida que o que buscava eram gozos que supunha encontrar no lamaçal, e que logo que supôs conquistar, tudo se desvaneceu deixando-o

desapontado. "Deves abandonar este lugar - disse-lhe o meu guia - porque nunca acharás nele o que procuras. Mas não tens de partir só, e sim, trazer os outros contigo. Volta entre eles, e quando vires algum no mesmo desapontamento em que estás agora, dize-lhe que saia deste lugar, onde não encontrará o que procura."

Pareceu-me, então, como se aquele homem recobrasse brios com a ideia de ajudar os outros a superar a amarga desilusão que ele próprio experimentava, e prometeu seguir este conselho. "Mas onde os encontrarei?", perguntou. "Espera a aurora", respondeu meu guia. "Acima daquelas sombrias colinas desponta, mas nunca nenhum de vós a contempla nem vê, e as escuras nuvens envolvem a luz do dia. Espera a aurora, e os raios do sol nascente acumularão sobre ti força e ajuda."

O homem voltou para o lago, satisfeito com aquele raio de esperança; e conheceu que podia renovar sua vida inteira aprendendo a dirigir os olhos para o cume da montanha, em vez de olhar constantemente para a lama em que se arrastava. E ao vê-lo caminhar, recordei-me de que também eu tinha sido um dos que buscam na lama e só na lama olham, até que outro alguém me ensinou a levantar os olhos e dali sair levando outros comigo.

Foi-me ensinado que esta esfera de consciência circunda a terra toda, porque o desejo de gozos materiais leva o espírito a morar nos corpos físicos. Muitas pessoas que temem a morte, se têm achado neste lugar durante a enfermidade, horrorizando-se de suas tristezas e desenganos. Aqueles que desejam o aniquilamento de seu ser, o desejam porque temem ver-se em tão horrível condição ao saírem desta vida. Não é de estranhar que prefiram o nada a semelhante estado de desespero.

Quando a debilidade acarretada por grave doença alivia o espírito de suas ligaduras, convence-se de que não há de acalmar seus anelos nas coisas materiais, e concentra-se àvidamente no corpo cujos sentidos podem proporcionar-lhe ainda alguma sensação prazenteira. Estes são os espíritos incapazes de conseguir um despertar que os desprenda da sensualidade, e que acham certo bem-estar nos ardores físicos.

A massa adormecida da humanidade mora neste lago lamacento, no concernente à sua vida psíquica, e o espírito permanece ali sonolento durante os períodos em que abandona o corpo em que está encarnado. A atmosfera daquele triste lugar pesa severamente sobre aqueles que desejam levar a vida de prazeres. Na casa dos ricos, nos centros de negócios, nas vendas e oficinas, nas míseras moradas dos pobres, notam-se os seus efeitos. O pobre que suporta resignadamente as privações, lutando heroicamente pela existência, e o rico que em proveito de seus semelhantes emprega suas riquezas, alçam a vista, olham para o cume da montanha, e veem a aurora que os impele a esferas mais elevadas do mundo espiritual.

Desta mudança de condição psíquica dimanam logo o entusiasmo e o valor, ainda em meio das deprimentes e desesperadas circunstâncias da vida física. Porque a primeira lição aprendida pelo espírito que começou a despertar-se, é que as trevas e o mal se desvanecem para sempre enquanto desponta a aurora eterna. Efetivamente, as trevas e o mal só existem como uma ilusão resultante da atitude do espírito, parecendo-nos com maior realidade que qualquer outro fato possível quando a vista se volve para eles e só

neles pousa. Mas toda alma sensível sabe quão logo se desmorona seu sustentáculo e quão facilmente desaparece sua ilusória realidade.

Há uma outra classe de buscadores de prazeres, que realizam uma atividade pura e inocente como a dos insetos que voam pelo ar. Fui transportada para ver o inferno onde vão quando abandonam toda forma de vida. É uma formosa paragem, como uma clareira em meio de um bosque, sombreada de suavíssimo cipreste e guarnecida de inflorescente erva. Parecia um céu pela maravilhosa disposição do labirinto de dançantes figuras que sem cessar se moviam sobre a relva. Notei que todas continuavam dançando até o cansaço, e ao fixar-me em algumas das fatigadas, vi que se alçavam e voltavam a dançar novamente, tão logo recobravam forças, exceto umas tantas que se acolhiam à sombra das árvores que rodeavam a clareira. Meu guia seguiu uma delas e lhe disse: "Deves sair daqui." "Não posso, - respondeu a figura - porque não há outro lugar." Meu guia lhe replicou severamente: "Se não te despertares, quando morrer teu corpo, encontrar-te-as aqui sem encontrar outra paragem!" "Não se pode achar outra", respondeu a figura. Então compreendi que aquele lugar era um inferno.

Comecei a ouvir depois uma canção simples que os dançarinos entoavam, e em cuja letra repetiam frequentemente estas palavras: "Hei de viver, hei de regozijar-me, hei de dançar." E assim cantando, os pobres seres febricitantes dançavam como figuras obrigadas por um coreógrafo, que era tão só a sua própria cegueira e ignorância.

Então fui transportada longo trecho numa neblina, até chegar a uma praia arenosa onde vi uma multidão de pessoas imóveis sobre a areia. Um céu sombrio se estendia, como um toldo baixo, sobre aquela dilatada tristeza. Em frente a cada pessoa da multidão havia uma imagem. Eu vaguei entre elas olhando as figuras silenciosas; porém nenhuma me pôde ver nem deu sinal de perceber minha presença. O guia explicou-me que aquelas eram pessoas absortas na contemplação de uma ideia fixa, com exclusão de toda outra, limitadas em extensão e amplitude pela capacidade de seus próprios cérebros. Eram intelectuais puros, e as intelectualidades que contemplavam não tinham relação física nem espiritual com a vida prática.

Meu guia, depois de estar algum tempo junto de uma daquelas figuras, levantou a mão repentinamente golpeando e derrubando a imagem ante a qual ela posava. Quando o espírito viu partido o seu ídolo, prostrou-se de joelhos com o rosto contra a areia. E então vi outra visão mais admirável que atraía o céu sobre aquele lugar abandonado. O espírito, que tinha sido incapaz de ver no universo inteiro qualquer outra coisa que não fosse a ideia fixa como esculpida imagem, arrastou-se com o peito na terra ao ver aniquilada e desvanecida a sua ideia. Mas, de repente, a luminosa figura do Cristo, que por entre a obscuridade aparecia, aproximou-se dele, e tocando-o, ergueu-o e levou-o consigo. O espírito não opôs resistência, porém cobriu seu rosto com o braço.

Durante uma grave enfermidade, quando o espírito se desliga temporariamente do corpo, por causas naturais, podem ocorrer semelhantes mudanças de estado, de tal maneira, que se lhe desvançam as ilusões e ele sinta o toque do amor divino. O homem enfermo volta seu rosto para a parede e fica em silêncio enquanto o espírito suporta grandes provas; e quando o corpo se restabelece e levanta, surge uma

mudança total de caráter, porque o espírito se desperta parcialmente.

Alguns homens progridem por meio do sofrimento, e os que isto compreendem, não pedem que o cálice lhes seja afastado, e sim, que a Vontade seja cumprida. Estas fases que se apresentam durante a enfermidade, pertencem à ordem do inconsciente desenvolvimento que dá às negras horas da vida um toque peculiar de misterioso feitiço. Há edens de esplêndida formosura, paragens prazenteiras aonde vão os espíritos cujos corpos estão sofrendo cruel enfermidade, e ali encontram indizível gozo. Todavia, estes lugares são tão inadequados ao despertar do espírito como o lago lamacento e a clareira de dançarinas. O espírito descansa ali ou se consola, e volta alegre e refrigerado; porém esta é apenas uma herança parcial da raça humana, que torna suportável a vida física quando a juventude se vai e a velhice vem acompanhada da enfermidade.

A frescura juvenil e a saúde alegre, perecíveis na existência material, são, ao contrário, duráveis e de posse perpétua no estado psíquico; e quando o espírito se convence disto, recobra valor para acelerar sua marcha na tardia e amiúde penosa peregrinação sobre a terra. Mas para o espírito desperto tudo muda. Os jardins do mundo psíquico não são lugares para alçar os olhos como o são os não puramente espirituais. O fato de que a ideia de prazer palpita na concepção daqueles lugares, demonstra que não está completamente liberto o espírito que ali descansa e goza. Os antagonismos ainda permanecem nele e o crucificam, porque está estendido sobre a cruz, suportando frio e calor, amor e ódio, gozo e dor.

O objetivo do discípulo que entra conscientemente no Palácio da Instrução e solicita sabedoria, é traspasar esta condição para chegar a ser espírito desligado e livre. A possibilidade disso nos tem sido ensinada em todas as épocas, e sua necessidade fica evidenciada atualmente ante os homens, porque o Tempo impele para a eternidade, e a raça humana não pode permanecer constantemente brincando, como uma criança, na praia imensa do porvir. A enfermidade, o sono e a morte são etapas de avanço e progresso para o espírito capaz de aproveitar conjunturas tão favoráveis, embora igualmente possam ser períodos de preguiça e modorra para os que não estejam dispostos a realizar o supremo esforço.

A morte é, de todas elas, a melhor oportunidade, como degrau de ascensão na carreira do espírito. Por si mesmo se evidencia que o abandono de um corpo material é para o espírito libertação de limitações temporais, e por conseguinte, seu ingresso em novas provas e novas esperanças. No entanto, nada significa o simples fato do trânsito de um para outro estado de vida, quando não envolve o despertar do espírito. Porque, se alma deseja trevas e se recusa a formar nas fileiras dos que progridem, possivelmente na hora da morte passará a um maior grau de trevas e de ignorância.

É certo que o conjunto de preocupações atinentes à vida encarnada, que só existem devido à limitação do cérebro físico, desaparecem apenas o cérebro cesse de funcionar. Mas o espírito pode obscurecer inteiramente sua consciência, mesmo sem o influxo daquelas, e passar da confusão e erros da vida física a um estado de profunda estupidez, rebelde a toda atividade.

As ilusões próprias da vida humana influem muito na atividade do espírito durante

os períodos de encarnação. Na vida física apetece coisas de cuja vacuidade se convence ao desvanecer-se a ilusão que o impulsionava a apetece-las. Quando se subtrair à influência da ilusão, o espírito que só busque o seu próprio gozo e bem-estar, cairá em profundo sono, como situação preferível para ele a qualquer outra que lhe pudesse ser oferecida. Quando isto ocorre, não se deve considerar a morte nem como um despertar parcial, e nem sequer como uma etapa de progresso.

CAPÍTULO IV

A BUSCA DA SENDA

Algumas vezes o despertar sobrevém parcialmente durante o sono, sem que haja um esforço deliberado da parte de quem dorme, embora sempre seja consequência de um desejo intenso de sabedoria espiritual, alimentado durante as horas de vigília. Um exemplo explicará o que desejo dizer com isto.

Certo dia discuti extensamente com uma amiga sobre a incerteza em que nos achávamos de se nos encontraríamos outra vez, ou se já nos teríamos encontrado anteriormente com aqueles que nos precederam na morte. Eu disse que acreditava firmemente no reencontro futuro, porque minhas experiências em câmaras mortuárias me tinham convencido de que os mortos se aprestam para auxiliar os moribundos em seu transe supremo; porém que, no entanto, não poderia assegurar se a reunião seria permanente.

O que Macdonald disse nos *Sonhos Místicos* acerca de que os espíritos se veriam outra vez completamente separados ao entrarem nas amplitudes da nova vida, parece-me muito razoável. Eu expus a opinião de que a Potestade reguladora da vida dos homens pode reuni-los ou separa-los, e que esta ação do Destino pode ser igualmente exercida tanto na vida física como na espiritual.

Minha amiga replicou que não acreditava nesta Potestade reguladora, ao que respondi estar convencida de sua existência, pois a conhecia há muito tempo como àquela que dá e tira os seres queridos. Minha amiga calou-se.

Aquela noite dormi com um sono longo e profundo, e ao despertar antes da aurora, quando ainda estava noite cerrada, notei a presença de três queridos amigos meus no quarto. Percebi que tinham chegado a mim vindos de longínquas distâncias, e dentro de mim experimentei a sensação semelhante à de uma criança que se encontra carinhosamente embalada no berço. Então compreendi que aqueles três espíritos permaneceriam ao meu lado até que eu entrasse em plena e desperta consciência, e me recordasse onde eu havia estado e o que havia feito. Fui me sentindo em torpor segundo se vigorizava a memória em meu cérebro, porque conheci que os três amigos bem-amados me tinham conduzido à escadaria do trono da Potestade reguladora, e que naquele momento me achava em presença do Espírito da Esfera. Parecia-me como se estivesse no verdadeiro centro de todas as coisas, e a escadaria do trono era como se fosse a fogueira de um imenso centro de amor. Fizera sentar-me junto àquela fogueira, como se senta uma criança ao calor das chamas nos lares da terra; e os três seres que me tinham transportado àquela paragem, permaneceram a uma pequena distância, cuidando de mim.

O grande Espírito dirigiu-se a mim, não por meio de palavras, senão por algo semelhante a toques de coração; porém eu me recordei do que se me havia ensinado com palavras que chegaram a mim, quando consciente ainda da presença dos três espíritos, eu estava sumida na obscuridade e estreiteza do meu quarto, em vez de adejar sobre a

imensa fogueira do mundo.

Recordei-me de um inspirado escrito que pouco antes me havia sido entregue (*Grinaldas de Amor*), e aprendi que conquanto eu fosse o meio transmissor destes ensinamentos para a esfera física, seguramente não os compreenderia nem poderia haver tido ideias como as que expressei na véspera a respeito da reunião daqueles que se haviam amado na terra. E o livro me foi posto nas mãos, para eu aprender a interpretá-lo corretamente em todas as suas páginas. Assim o fiz, e muito maravilhoso me pareceu lê-lo à luz do fogo de amor, que é o centro e coração de toda a vida. E vi que não tinha compreendido as palavras lidas e escritas no estado físico. Se houvesse compreendido o seu significado, por certo saberia que o amor e o amado são parte integrante do amador, sendo, pois, impossível a sua separação.

No amor espiritual, a separação ocorre aparentemente e tão só na esfera física, porque quem ainda está encarnado é liberto pelo sono, pelo êxtase ou pela síncope, para reunir-se ao seu amado. Esta libertação ocorre constantemente na vida física, por mais que nosso juízo corporal não a perceba. Quem amou e foi verdadeiramente amado durante a encarnação, chega a ser possuidor de algo imperdível, perdurável e eterno.

Enquanto me era explicado tudo isto, recordei-me do vazio que a morte deixa na vida física, e sua memória se me apresentou viva e tenaz, não obstante me achar sobre a fogueira do mundo, contemplando com os olhos do espírito as formas psíquicas daqueles que eu havia amado. "Certamente - disse eu - é assim que se vos tirará o que se vos der." "Não! - responderam-me. - Nada se tira; tão só se transporta a lugares mais elevados, até onde puderem segui-lo. Unicamente por este meio fica a natureza do homem livre das ataduras da sensação física." Então compreendi porque era tão amarga a dor que, para os que nele ficam, submerge o mundo em trevas.

Sobre as colinas, na luz da aurora, podemos ver as figuras espectrais dos seres queridos, mas sob a condição de que alcemos a vista e sacudamos o jugo dos sentidos corporais, que reclamam seu império. Os sentidos são os que anseiam pelo "toque de uma mão e pelo eco de uma voz que ainda ressoa". Mas após profundas dores e aflições se aprendem por fim os ensinamentos de tal modo que nem a morte nem a separação existem para aqueles que sabem erguer-se à consciência espiritual e encontram seus seres queridos, "espírito com espírito, alma com alma". Então silenciam completamente as vozes da carne, iluminam-se as trevas e formosas formas enchem o vazio.

A consciência e o conhecimento destas verdades vieram a mim durante o sono, e os que me acompanhavam no sono, deram-me a faculdade de recordar tudo quanto eu tinha aprendido e experimentado.

Tudo seria claro para nós se tivéssemos o poder de coordenar o que chamamos sono com vigília; porém só é capaz disto o esoterista para o qual tem realidade todas as esferas e lugares de prova. A negação de realidade ao sono é uma das limitações ou ilusões do cérebro que durante o sono adormece. Quando a substância cerebral não está em completa atividade, seja por velhice ou enfermidade grave, naturalmente e sem controvérsias aceitamos os sonhos como realidades.

Durante o sono há muitas e interessantes provas e lugares abertos ao espírito, ainda que se ache em condições de incredulidade e desconfiança. No mundo astral existem

campinas amenas, jardins espirituais repletos de flores, cidades de magnífica arquitetura, largas praias onde os espíritos dos homens buscam saúde e força enquanto seus corpos descansam dormindo. O repouso físico constitui a parte mínima da restauração que o sono presta, e mesmo os homens comuns, para os quais a ideia do despertar espiritual assemelha-se a uma colheita infantil, obtêm do sono o benefício que lhes dá direito à sua origem nativa, contanto que anelem e anseiem nesta vida algo melhor do que a busca de prazeres no céu ou a satisfação sensual para a contínua atividade dos sentidos.

Somente se chega à Senda por meio do cumprimento do dever na vida diária; e os que se veem solicitados pelo anelo de prazeres pessoais, que consagram sua vida ao esforço laborioso, acham a compensação às horas tristes do dia, durante as horas agradáveis cuja conjuntura lhes oferece o sono. Porém este caminho é longo e monótono; existe outro muito mais curto, embora mais escabroso, por onde andam os discípulos convencidos da realidade do invisível; os que estão dispostos a tentar trilhar o reto Caminho através dos misteriosos ermos ao seu redor, abertos aos passos do espírito; os que são dóceis em seguir e obedecer os guias vindos até o umbral da vida humana, desde as esferas espirituais onde moram, com o objetivo de ajudá-los e ensiná-los.

Para esses o sono é tão real como qualquer circunstância da vida, e seu espírito se evade do corpo, indo aqui e ali para aprender e progredir. Mesmo a esses custa trabalho, por muito tempo, recordar cerebralmente as provas experimentadas durante o sono. Mas podem consegui-lo se são ajudados por aqueles que os amaram, ou se se submetem às instruções de um instrutor ou de um adepto em vida. Não encontrarão tal instrutor na esfera física, e mesmo que o encontrassem, não o reconheceriam, porém serão transportados por ele ao mundo superior, e conduzidos às aulas onde ensine um dos grandes instrutores, para que aprendam o modo de achar lugares de progresso e a maneira de ir inteligentemente por onde quiserem. O despertar se iniciou neles, e seus efeitos se mostrarão muito logo na vida cotidiana.

CAPÍTULO V

A MÍSTICA PRAIA

A aurora é um símbolo de persistente e eterna renovação de vida, porque não é apenas uma simples renovação de luz, mas também uma absoluta renovação de vida. O espírito que percebeu uma vez sequer a mística realidade do sol nascendo sobre a terra, com seu derrame de vitalidade e bênção, não teme o futuro nem duvida de suas próprias forças para ascender pelos degraus da escada da perfeição. Está persuadido de que com a aurora de cada novo dia, chega um fluxo de potencialidade aos que são capazes de recebê-lo.

Mesmo sobre os espíritos que recusam elevar-se por si mesmos, os raios de luz e vida difundem seu benéfico influxo, sustentando-os em sua voluntária obscuridade e fluindo Vividamente sobre as fechadas pálpebras que não têm energia para recebê-los. Mas esta repugnância por despertar-se, deixa os homens atados à roda da vida terrena de modo que, por não saber aproveitar cada oportunidade noturna, prosseguem ilusos, dia após dia, nos afanosos e estéreis desempenhos do mundo concupiscente, sem adiantar nem um grau no intervalo das sucessivas encarnações, cuja forma orgânica e estado espiritual é de condição semelhante aos anteriores.

O espírito que não se despertar, passará longos períodos de desencarnação no sono ou nas recordações da vida física, e deles retomará sem renovação nem progresso de seu ser. Muitos dos que vivem nas sarjetas da sociedade humana, confundidos nas filas dos miseráveis, alimentam a esperança de usufruir algo melhor depois da morte, como possível compensação de seu infortúnio. Isto pode ou não suceder, segundo o estado espiritual do homem, porque não há nada na natureza da morte que ofereça necessariamente tal compensação. A morte em si é apenas uma mudança de meio, e o espírito do homem é quem deve aspirar àquele estado psíquico em que tal mudança de meio chegue a ser por necessidade um grau de aperfeiçoamento.

Assim ocorre quando, desperto o espírito e olhando para a frente, se eleva por esforços de sua própria vontade ao quebrar as cadeias materiais que o prendiam. Mas pode-se conseguir esta liberdade sem necessidade de que sobrevenha a alteração de estado físico, que se chama morte. Também podem consegui-la em vida os adeptos cujo espírito passa à vontade entre os raios de luz e vida que perpetuamente envolvem as múltiplas esferas da consciência. "Aonde quer que eu vá, conhecer-vos-ei para vos ensinar o caminho." Todos os discípulos conhecem o caminho.

Quando algum espírito cai em sono, conforme vá se aproximando o momento de passar de um a outro estado de consciência, é capaz de ascender às mais altas moradas da vida espiritual, e para ele a condição ou estado de sono é aquela em que toma rumo a educação e adiantamento do seu ser, voltando à vida física com o preferente objetivo de ajudar as tarefas e os esforços dos demais. A conservação de um corpo físico lhe

proporciona algumas vantagens, como a de invocar em auxílio alheio a influência dos raios de luz e vida que visitam a terra diariamente.

O espírito de Cristo, o espírito de intercessão de auxílio em benefício dos outros, é a característica peculiar dos espíritos adiantados que não necessitam de auxílio próprio. Trabalham pelo despertar da humanidade. E tão profundo e intenso é o efeito da lei do amor, que os homens cujo espírito comece a despertar anteriormente, se verão arrastados por forças invisíveis para aqueles que estejam mais vivamente despertados, chegando finalmente a contar-se entre o número de auxiliares.

O despertar significa que o espírito trabalha pelo bem coletivo, e portanto, que se desembaraça de todo sentimento egoísta e de todo anelo de vantagens puramente pessoais. O espírito é então atraído por irresistíveis leis às paragens do mundo espiritual, donde auxilia os que labutam na vida humana; e ao encontrar-se naquelas paragens, sente-se em contínuo acréscimo de luz e vida. Estas provas acontecem mesmo tanto durante o período chamado por nós sono, como durante qualquer outra ocasião.

A diferença entre o estado em que o espírito se acha durante o sono e o do dormiente comum, é que o primeiro tem a faculdade de ir aonde sua vontade o leve e de conservar a memória desta viagem quando volta a encerrar-se no corpo.

Esta condição infunde completa confiança e segurança no futuro que a todos nos aguarda, e um homem fortalecido desta maneira, nunca se abate nem desfalece, por espantosas que sejam as circunstâncias em que se encontra. Pois ele sabe que, além de todos esses estados, há um reto caminho iluminado pelos raios de luz e vida, que se abre a todos os espíritos e em que mesmo os mais degradados ou mais oprimidos podem despertar-se a qualquer momento. Este despertar será talvez muito débil no começo, uma simples chispa de consciência; porém envolve grande força e é tão importante como o brotar da semente na terra.

Com muita frequência este débil despertar acontece durante a enfermidade do corpo, e o espírito, convencido da ninharia de buscar a felicidade na lama, e que tenha procurado passar além dela, se encontrará numa esfera ultrafísica da consciência.

Existe uma ampla e espaçosa costa de areia finíssima, com altas rochas escarpadas por trás dela e um grande espaço de mar pela frente, aonde acodem muitos espíritos cujos corpos sofrem as dores da enfermidade e que deixaram com desgosto os prazeres físicos. É este um lugar apropriado para profundas meditações sobre a realização do eu. Ali se encontra o espírito como que em lugar solitário, sem mais companhia do que seus próprios pensamentos e aspirações, olhando em sua memória, qual em um espelho, os sucessos da vida passada. Ali, entre mar e céu, recebe os refrescantes eflúvios do oceano etéreo e os ardentes raios do sol espiritual que projeta sua luz sobre aquela esfera etérica. Ao voltar ao sofrimento e consunção do corpo físico, conserva a recordação de sua estada na mística praia, como se tivesse sonhado que o refrigeravam as águas daquele mar.

No entanto, isto não foi sonho. Na profunda realidade de sua vida espiritual, reconhece ter tido uma favorabilíssima oportunidade, não apenas para o descanso,

senão para a realização de seu ser no rumo a que se inclina, para despertar-se mais completamente. Enquanto está ali, o espírito percebe que também existem outros espíritos, de modo que a solidão em que se acha, assemelha-se à do homem parado na rua ou praça pública por onde não passe nenhum transeunte de seu conhecimento pessoal. É possível que veja surgir do horizonte um poderoso navio cruzando as águas solitárias em direção à praia. E que alguns dos desconhecidos espíritos se levantem de seus lugares de descanso e saltem ao barco que à orla os transporte do navio, a cujo bordo empreendem a travessia pelo ignoto mar que se estende no além, enquanto que o corpo mortal, jazendo sem auxílio no leito de dor, cessará naquele momento de sofrer, arrancando lágrimas aos parentes por ter expirado sem uma palavra de despedida.

Entretanto, isto é tão só uma queixa da consciência física, porque se os que o viram morrer, amarem verdadeiramente o morto, sentirão o adejo de seu espírito, o alento de sua alma, e ouvirão que do navio lhes diz olhando para a orla: "Adeus, até nos encontrarmos de novo." E alguns espíritos que permaneçam longo tempo naquela praia, de maneira que ninguém espere sua volta, verão muitas idas e vindas do barco, duvidando se melhor lhes convém o regresso ou a marcha, até que, por último, se levantem, e, voltando para as escarpadas rochas, encontrem um dos muitos caminhos de regresso ao mundo físico. E então sobrevêm aquelas maravilhosas melhoras que arrebatam o enfermo dos braços da morte e pasmam os médicos, confundidos em sua habilidade e sabedoria.

Há outra paragem de isolamento aonde o espírito costuma ir enquanto o corpo está enfermo, porém que não se abre sobre o mar, nem se descobre nele outro caminho senão o de forçoso regresso ao mundo físico. É um lago inteiramente circundado de abruptas costas. Ali acode o espírito do egoísta, quando pela primeira vez se aparta das filas dos concupiscentes ou do grupo dos enfastiados.

Aquele que acredita não existir outro lugar aonde ir, mas anela deixar sua inútil existência terrena, achar-se-á igualmente junto das claras águas do lago, sobre as quais se reflete a puríssima abóbada celeste, como as montanhas nos lagos da terra. E vagará de um a outro lado pela deserta orla, inteiramente só, até que em seu interior surja a aspiração a um novo estado, até que alguma influência alheia lhe tire do egoísmo em que vivesse e que o levasse a tal estado de isolamento.

Raramente sucede que se desperte nem mesmo de um modo parcial, o espírito que visita pela primeira vez o lago solitário. Aparece ali simplesmente porque está desgostoso da estéril demanda de prazer pelos bens temporais dos quais tarde ou cedo nasce a desilusão e o fastio. Vai ali como o homem cheio de tédio e desengano, que passeia pelos silenciosos caminhos da campina, sem reparar na amistosa formosura da natureza.

Assim, o espírito vai cegamente ao lugar de solidão cuja beleza perfeita e isolamento lhes parecem coisas naturais e completamente incapazes de trazer outro gozo ou outro sofrimento que não os seus próprios. A ânsia de expansão e companhia o invade em seguida, e sente horror à quietude em que se encontra, ou recorda-se com admiração daqueles com os quais vivera e se consolara. Esta mudança de estado o leva naturalmente para trás, e instintivamente encontra o caminho de regresso ao corpo físico, despertando nele algum desejo adormecido, e então os seus amigos dizem que ele começa a ser outra

vez o mesmo.

Todas estas fases correspondem ao inconsciente estado de perda de sentidos durante a enfermidade. Porém há outras, muitas outras fases e provas abertas ao espírito cujo corpo se acha naquela condição; ao espírito que começa a acordar para o conhecimento dos fatos das vidas anteriores, depois de haver estado sem memória deles durante a presente encarnação. Facilmente o homem desinteressado e generoso chegará a ter consciência da liberdade do espírito durante as enfermidades do corpo, porque os sentidos não são como grilhões para ele.

Conheci homens que pareciam ser unicamente mundanos e que, no entanto, acomodaram seus atos às leis religiosas e a anelos generosos, recebendo uma grave enfermidade como prova feliz para seu aperfeiçoamento moral. Um destes homens, ao restabelecer-se de uma doença que quase o levou à morte, me disse: "Fui muito bem ensinado e tive um período de felicidade." Segundo a visão de um clarividente, ele foi transportado para um jardim delicioso do mundo astral.

O espírito do enfermo, dominado pela languidez repousante, repousava sobre a relva entre árvores e flores, rodeado por espíritos dos cães que em vida foram seus amigos, escutando o canto dos pássaros e observando seu voo pelo firmamento etéreo. O espírito sentia a deliciosa emoção dos dias santos, e não lhe turvava a mais leve ansiedade sobre as coisas do mundo, além do pensamento de sua esposa. Quando pensava nela, vi-a sentada junto à escrivaninha que ela mesma tinha colocado num canto da alcova, porém que para ele parecia estar num ângulo do formoso jardim. O espírito deplorava que sua esposa não pudesse deixar de escrever aquelas cartas inúteis, e chegar-se mais a ele para brincar com os cães e ouvir os pássaros. "É lastimável- dizia o espírito - que ela ande tão atarefada enquanto eu estou aqui ocioso e isolado."

Ao recobrar a saúde, aquele homem não deixava de dizer que não lhe preocuparia se caísse doente outra vez. Não foi à costa porque não tinha o propósito de atravessar o mar. Estacionou-se no jardim suspenso, que era um lugar próprio no mundo astral, como que cercado de beleza, que constitui seu próprio ambiente e que a ele pertence porque cresceu em torno de sua natureza espiritual, como resultado de uma vida de abnegação e boas obras em benefício do próximo. É um riquíssimo proprietário e senhor de fazendas que cumpriu seu dever na posição em que nesta vida o colocaram as obras realizadas em anteriores encarnações.

Tais espíritos percorrem sossegadamente o Caminho que os conduz ao além, ignorantes das possibilidades acessíveis ao Discípulo, mas despertando gradualmente de uma esfera para outra, e entrando lentamente, porém com perseverança, no reino da luz. Para eles a aurora tem um significado místico, embora sejam inteiramente incapazes de explicá-lo.

CAPÍTULO VI

A NATUREZA PROTETORA

Quando o espírito dormita e mesmo quando está apenas parcialmente desperto, o fenômeno da morte é muito menos importante do ponto de vista psíquico. Então, não significa aquele grau de aperfeiçoamento em que consiste o verdadeiro trespasse, nem implica em nenhum aumento de consciência. O espírito permanece simplesmente no lugar do mundo astral, a que tenha se acostumado durante o sono e a enfermidade. O mais importante da mudança é que sua atividade na esfera física cessará por longo tempo, e ao recobrá-la, reassumirá um novo corpo e num ambiente diferente.

O espírito, às vezes, nem sequer se apercebe do fenômeno da morte fisiológica. Se acontece de súbito, como resultado de um acidente, o efeito se assemelha ao de perder inesperadamente de vista um grupo de pessoas, ficando o espírito muitas vezes sem poder perceber por si mesmo o mistério da desapareição. Se a morte ocorre sem violência e o espírito é indiferente, fica como que adormecido e não experimenta curiosidade alguma; porém, se os laços de amor e interesse pelos seus semelhantes o incitam a despertar-se, então as leis da vida espiritual o guiarão a alguma fonte de conhecimento.

A educação dos que chegam à esfera física, tem seu duplo fundamento nos esforços próprios do homem e no poder cognocitivo que das esferas espirituais flui sobre os educadores que reconhecem a importância de sua tarefa. A mesma lei rege no mundo astral. O espírito recém-chegado, que está em suficiente grau de adiantamento para mover-se, ouvir e ver, não é um intruso no país celestial, embora careça da necessária vista interior para compreender sua nova condição. As sendas e caminhos lhes são familiares; em estado de profunda consciência vê o formoso e florido panorama, descansa sobre o perfumado céspede, e quando, finalmente, o invade o desassossêgo, maravilha-se de permanecer naquele lugar deleitoso muito mais tempo do que esperava, e levantando-se, encaminha-se para qualquer objeto que lhe chame a atenção, com o desejo de inquirir qual é o seu novo estado. Talvez veja entre as árvores um branco edifício; um templo onde, ante os adoradores ali congregados, os Mestres vindos das sutis esferas espirituais expliquem as leis da vida.

Eu ouvi a descrição desses templos, feita por videntes que exploraram o país astral, limítrofe do mundo físico. E também ouvi a que fez um enfermo em perigo de morte ao voltar a si de um profundo letargo. Este espírito disse que se encontrava entre resplendores de glórias, no sopé de uma montanha rodeada de árvores em plena florescência. Vagou de um lado a outro regozijando-se na formosura que o rodeava, e como era um espírito desperto, sentiu o desejo de saber porque estava ali e o que tinha ido fazer. Viu então uma procissão de figuras espectrais vestidas de branco, que com flores nas mãos desciam a colina. O espírito reconheceu um ou dois dos espectros que estavam na procissão, porém eles não deram nenhum sinal de o terem visto, porque provavelmente

estavam inconscientes, e somente eram capazes de ver a uma curtíssima distância, pois eram espíritos ainda encarnados.

O espírito se uniu à procissão e logo se achou ante a porta de um templo branco, oculto entre as formosas árvores floridas. Ali estava o Mestre, um espírito puro e refulgente, que ensinava a cada um dos circunstantes o que mais vivamente desejavam saber.

O espírito do meu amigo aprendeu o que devia fazer a fim de que, quando terminasse a atual peregrinação, pudesse ascender ao mundo superior em condições psíquicas satisfatórias para ocupar o lugar que lhe estava preparado, pois tinha merecido o direito de adiantar um grande passo no caminho do aperfeiçoamento no fim daquela encarnação, e de receber a orientação que perpetuamente podem receber os homens como só aprender do Mestre o modo de merecê-la.

Os espíritos inteiramente adormecidos, que sem cessar chegam ao mundo astral, jamais buscam os templos, e se por casualidade os encontram, nunca entram por suas portas. Para eles é suficiente o sentimento do cômodo bem-estar que a oportunidade lhes oferece de descanso num sono indefinido.

O grande espírito maternal que chamamos Natureza, é ali mais vívido e menos misterioso do que nas esferas físicas, e tem mais força para mimar e sustentar o espírito do homem, qual uma criança embalada nos braços da mãe. Porque, como criança, a Natureza o conduz em sua peregrinação através da matéria, sustentando-o com o seu poder na terra sobre a qual lhe parece a ele caminhar livremente, e equilibrando-o contra o espaço que poderia aniquilá-lo se ela não o resguardasse em seu regaço.

Nesta condição sutil, a Natureza pode convencer mais firmemente o espírito humano da intensidade de sua amizade, pois assim como nutre, aquece e abriga o corpo na vida material, assim procede de maneira mais sutil ao infundir-lhe na vida espiritual a mesma confiança e o mesmo prazer que sente a criança nos braços da mãe. Este é o tratamento dos que não foram maus, dos que não foram injustos, porém que ainda não se despertaram. Ali dormem, descansam e se comprazem, como pequeninos, na consciência de uma vida sem véu, até que o impulso do crescimento os leve a tomar novamente uma envoltura física.

Mas a morte não lhes deu nova vida. Sempre tiveram o direito e o poder de entrar naqueles elísios lugares, como o têm todos os espíritos humanos que não se condenaram à limitação dos infernos. E ainda os infernos, ou lugares inferiores, estão também nos braços da Natureza, que suaviza e adoça tanto quanto possível a sorte dos concupiscentes e egoístas. Portanto, logo que o espírito necessita de encarnação física, a Natureza o colocará nos campos verdes e jardins que existem sob a abóbada celeste. Ela vigia e mantém o tratamento e a educação; mas quando chega o despertar e o homem abandona as coisas pueris, o espírito se emancipa da tutela e proteção da Natureza.

Enquanto está na infância espiritual, a menos que seja um malvado, não deve temer a morte, pois a mudança trazida por este fenômeno não é muito importante para o espírito em tais circunstâncias psíquicas, já que significa o traslado de um lugar para outro do tratamento com maior descanso, com um sentimento mais vivo de segurança e confiança,

devido a ser eliminado o elemento da luta pela existência. De todas as lições que a Natureza nos pode dar, a morte é a última e corresponde somente ao período de educação na vida física.

A CONDIÇÃO DE FELICIDADE

A morte do corpo material coincide às vezes com o completo despertar do espírito, e então é um sucesso digno de um monumento comemorativo. Quando isto acontece, os circundantes observam na face do moribundo uma transformação de impossível descrição. Sua desmaiada cabeça se transfigura pelo influxo da energia moral e parece como que se ele erguesse, não obstante sua imobilidade, despedindo luz da eterna aurora, aqueles olhos que em breve têm de cerrar-se para sempre.

Certa ocasião me disse uma pessoa que presenciara este aspecto da morte: "Minha mãe foi sempre muito surda, e quando eu nem pensava perdê-la, caiu gravemente enferma. Pouco antes de expirar, vi refulgir seus olhos como se gozasse na admirável beleza de algo oculto à minha vista, como se alguém lhe falasse infundindo a segurança de que não mais estaria surda e sem amparo."

Alguns moribundos viram, rodeando seu leito de morte, anjos de brancas asas, à espera de lhes transportar o espírito através da imensidade etérea, ou os guias e Mestres prontos a mostrar-lhe o sulco que, saindo do umbral da vida material, cruza o oceano astral e conduz à condição espiritual onde os espíritos, luminosos e resplandecentes qual cintilação de luz incriada, amam, vivem e atuam como jamais homem algum poderia imaginar.

Quando o despertado espírito sai do corpo, à luz do raio que o eleva, percebe a esplêndida subida que ante ele se estende, e o deleite que isto lhe produz se reflete momentaneamente nos olhos do corpo moribundo. Eu nunca ouvi dizer que os moribundos tomem esta expressão de rosto antes de perder a fala, senão que sempre se transfiguram ao exalar o último suspiro. Ninguém que já tenha presenciado este fato, há de sentir temor à morte. Poderá acaso ter certas dúvidas sobre se sua vida foi tão boa para merecer tal galardão, porém jamais o amedrontará a ideia de morrer. Unicamente no malvado, no inimigo de seus semelhantes, cabe tal temor; e se o sente, pode afugentá-lo com o só afastar-se da senda enganosa por onde andava, e entrar no caminho por onde os anjos desejam conduzi-lo.

Só quando os homens começarem a compreender que os sofrimentos próprios da morte lhes são infligidos com o fim de libertá-los da obscuridade e imperfeição do mundo físico, reconhecerão a infinita Ternura e darão graças ao Poder que rege suas vidas. Não importa que, aparentemente, seja completa a felicidade de alguns homens nesta vida, pois ela é de natureza peculiarmente temporária. O objetivo do sofrimento é elevar os espíritos dos homens àquele estado psíquico em que predomina o sentimento de permanência e imortalidade.

Quem perde um ser amado, conservará este amor se for capaz de se elevar ao estado espiritual em que não pode perder nem o amor nem o ser amado. A primeira emoção que experimentam dois seres cheios de amor recíproco, aos quais a morte separou, é a de que

um deles foi arrebatado do outro e posto longe de seu alcance, da mesma tirânica maneira com que uma ama pode tirar um brinquedo do alcance da criança. Mas o espírito celestial, o Zelador da vida dos homens, lhes dará a conhecer que ao arrebatá-lo ao ser amado, não o aniquila, mas eleva-o às alturas mais eminentes. Desta forma deixaremos de ver analogia entre a criança privada do seu brinquedo que a ama pôs fora de seu alcance, e a alma que a vida física retém ainda no corpo longe de sua companheira amada.

O espírito do homem pode escalar as mais ingentes alturas. "Aonde quer que fordes, vos conhecerei para ensinar-vos o caminho." Assim os que na terra ficam chorando ao pé da áurea escada, o fazem tão só porque se recusam a olhar para o alto, isto é, recusam-se a despertar-se. Desejam ter consigo o seu amado porque juntos percorreram uma após outra as etapas da vida física, repousando em sono de paz entre as encarnações. Mas não é este o destino do homem. O universo físico e o astral são apenas uma morada passageira. Deve ir mais além.

Uma circunstância estranha, que frequentemente acompanha a lei de separação pela morte, é que dos dois seres reciprocamente amantes, acontece morrer primeiro o melhor, o mais perfeito, o mais abnegado e o mais esquisitamente espiritual. Isso ocorre porque os espíritos em semelhante condição progridem após a morte corporal, e com tal força atraem os que suspiram por sua presença, que não só lhes espiritualizam a natureza, como também os elevam de categoria na próxima encarnação. Se morresse primeiro o amado de condição mais imperfeita e materializada, permaneceria estacionário no mundo astral, e apressando-se a voltar ao mundo material, faria sentir sua presença ao ser que deixou no mundo físico, incitando-o à satisfação da vida estacionária em vez de entrar em outra nova.

A lei de morte e separação por morte é um fato capital no processo do desenvolvimento do gênero humano, que impele o Espírito zelador da vida a velá-la em ação contínua, com o objetivo de excitar o adiantamento individual dos homens e apressar o fim de sua completa peregrinação.

A felicidade é um direito nativo do homem, porém não sobre a terra, porque a terra não tem em seu solo alegrias bastantes para deleitá-lo. A felicidade é um direito nativo do homem como espírito, não como mortal, e sua plenitude é muito maior do que neste mundo se pode imaginar. Satisfa-la-á em estado de perfeição, porque não haverá então lutas entre elementos adversos nem temor por posteriores mudanças ocasionadas pela morte. Vai então de uma a outra esfera e em todos os seus estados espirituais (segundo qualquer vidente pode observar), nos ensina e instrui; porém aquele trespasse e deleitoso e deixa um vivíssimo sentimento de prazer aos que o presenciam.

Enquanto estamos na vida física, atormenta-nos um constante pesar de sofrimento e infortúnio que, mesmo nos momentos de felicidade terrena, nos ruma no fundo da consciência. Que isto é assim, o demonstram as expressões comuns. "Você vai cair enfermo, se não se cuida." "Você está se matando."

Sempre palpita ansiedade em um ser que mantém esposa e filhos que ele ama. Por otimista que seja, o homem é atormentado pelo mais insignificante desassossego, que

se converte em angústia com a notícia de um acidente, incêndio, uma epidemia ou um desastre, cujos riscos ameaçam os seres queridos. Para livrá-lo desse temor, é necessário conduzi-lo além do umbral onde se assenta a ansiedade, e para tal efeito, um dos meios mais eficazes é arrebatá-lo para além do umbral.

A preocupação que o homem tem que vencer quando isto lhe acontece, é a de que não pode seguir o que partiu, por achar-se preso ao corpo material e encadeado à vida física. Muito amiúde o espírito necessita passar por muitas encarnações antes de vencer semelhante preocupação, quando encarnado. Tal preocupação é o primeiro e mais poderoso obstáculo ao seu progresso.

A primeira emoção que sente quem perde um ser querido, é a de ter perdido o seu amado; porém mais tarde repara que o amor se escapa de sua alma como o perfume que o tempo desvanece. As pessoas de seu parentesco e convívio, desconhecedoras das leis da vida espiritual, dizem então que ele começou a consolar-se da perda sofrida. Efetivamente, vê-se nele uma notável mudança de conduta, pois se engolfa com mais diligência que antes em suas ocupações, não dando mostras de recordar-se da pessoa amada, ou toma a seu cargo o cumprimento de deveres que pesavam sobre o morto e trata de levá-los a cabo.

Quem faz este último, se acha em excelentes condições de aperfeiçoamento, porque se esforça por imitar o esquisito caráter do ser que por sua prevalência espiritual foi levado para mais alta morada. Sente então em sua consciência o impulso do amor que o transporta do estado, físico ao espiritual. Mas, quando se entrega totalmente às solicitações do corpo e da vida física, é invadido por um vão sentimento de temor, e busca no trabalho e nos negócios a maneira de voltar à realidade.

Todos sabemos quão frequentemente recorrem os homens à ocupação contínua como derivativo à dor causada por alguma grave desgraça, e esta é uma das razões do despertar de enérgicos impulsos. Mas o homem que vive inteiramente na esfera espiritual aonde o conduziu o amor, atira-se de tal modo a ela que quando se vê compelido a voltar às atrações físicas, lhe parece achar-se num mundo imaginário.

Quando os psíquicos retornam de um transporte, depois de vagar longe, em estados espirituais, custa-lhes muito trabalho reconhecerem o lugar onde se acham e lhes é mister moverem objetos, ou tocá-los, para se convencerem da realidade. Assim também o homem cujo espírito foi sublimado pela dor e cuja amante Natureza soube encontrar sua eterna morada além do umbral, ao voltar de seu arrebatamento espiritual necessita de vencer, por meio de diligente atividade, a sensação interna que lhe apresenta como imaginárias as atividades inerentes ao mundo físico. Seu espírito principiou a despertar-se ao impulso dos vínculos de amor, e desde então sua atividade terá um caráter menos egoísta e mais eficaz do que antes. Desta forma ele irá estabelecendo as condições necessárias para uma encarnação melhor e mais elevada, que lhe permita seguir as pegadas do ser amado, e com ele voltará à terra muito mais estreitamente unido que antes, porque as leis do aperfeiçoamento o terão transportado nas asas do amor a uma esfera superior. «Onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.»

CAPÍTULO VIII

O DESPERTAR DO ESPÍRITO

Nossa raça, tão lerda, rara vez realiza a possibilidade de fazer o transe da morte coincidir com o pleno e absoluto despertar do espírito. Só ocorre isto quando um ser em condições psíquicas aperfeiçoadas pelos ensinamentos recebidos, se encarna com o propósito de cumprir seus posteriores deveres e obrigações físicas.

Este espírito adiantado obteve conscientemente uma iluminação parcial dimanante de haver serenado seus olhos, e tanto para si mesmo como para seus semelhantes, é o sapador do gênero humano, aquele que prepara as veredas desembaraçando-as de estorvos. Neste grau de desenvolvimento o espírito já se encontra quase livre dos grilhões e cadeias forjados durante o transcurso de passadas ações, decrescendo nele rapidamente o anseio de vida material e desvanecendo-se as preocupações que não mais podem subsistir num tal estado de progresso.

A volta à terra é o último e consciente esforço para saldar de todo a conta corrente individual no mundo. Ao terminar tal encarnação, os olhos do espírito rasgam com amplíssima visão o véu que, caindo de repente como batidas cataratas, descobre o esplendor da eterna glória!

Os que presenciam semelhantes casos de morte, compreendem intuitivamente que estão frente à porta da vida perdurável, pois assim se ensina o amor a quem naquele instante atravessa o umbral para jamais voltar a este mundo. Além da porta brilha uma Luz viva, o espírito de Cristo que anseia constantemente ser consolo e guia dos espíritos humanos. E o espírito do homem, não só se banha na luz que o circunda e ilumina penetrando até o seu coração, senão que, ademais, tem perfeita consciência da luz que surge interiormente para iluminar o nascimento do seu verdadeiro ser. E do êxtase que acompanha este despertar, ele surge de seu próprio ser ao mesmo tempo iluminador e iluminado.

Chega então aquele estado de verdadeira vida, de verdadeira vigília, de verdadeira e plena consciência. Entra nos arroubamentos do viver, a eles se transporta do leito de morte onde deixa a última envoltura corporal. Mas, como cada espírito é uma partícula da raça pela qual arde a Luz viva, não pode subtrair-se aos destinos coletivos, e lhe cabem as simultâneas tarefas de presidir os espíritos despertantes e de trabalhar pela emancipação da raça humana, além do umbral da vida física. Está desperto, e vê a aurora, e percebe em si o raio que, penetrando no interior de seu ser, o converte em astro espiritual de refulgência própria.

Todavia não ascende às esferas do sol sem ocasos, porque o detêm a confraternização da raça e os laços de amor que o vinculam aos seus semelhantes. É então um daqueles espíritos capazes de atrair os homens cujos olhos corporais não podem contemplar o atraente; é um daqueles espíritos que levam as espigas ao grande Colhedor. O esforço e o

trabalho são sua delícia e regozijo, porque, esplendoroso, alegre e triunfante, surge da exânime envoltura que encarnou a etapa final de sua vida física.

Vida, luz, delícia, poderio sobre todos os homens, são seu gozo ao despertar-se e neles se deleita como até então jamais se deleitara, enquanto na terra as pessoas choram acompanhando o féretro de seu cadáver. Alguns dos que viram mortes como estas, compreenderam e não choraram.

CAPÍTULO IX

OS MENSAGEIROS DA INSTRUÇÃO

Conforme já foi exposto, o Palácio da Instrução, como o chamam os psíquicos, é um lugar onde aqueles que começam a despertar-se recebem lições. Legiões de espíritos em cuja mente apenas desponta a crença na possibilidade do despertar, entram ali velados, cegos e surdos, apinhando-se em muda adoração no amplo pavimento. Muitos deles são adeptos de alguma religião terrena ou de alguma comunidade monástica, cujas horas de mais profunda meditação coincidem com as do culto público em suas igrejas. Por este motivo, acodem em grande número ao Palácio da Instrução durante estas horas, e os que começam a ver espiritualmente, podem distinguir algumas das veladas figuras.

O aspecto daquele lugar muda incessantemente; porém, mesmo assim, subsiste a realidade de algo permanente que desperta a profunda sensação de nosso lar, apesar de que o sólido pavimento pode abrir-se e mostrar debaixo dele uma sombria corrente assim como os esgotos debaixo de qualquer casa ou templo da terra.

Ali dominam ao mesmo tempo o coleguismo da escola e a familiaridade do lar entre os espíritos vindos desde as mais elevadas esferas, ansiosos por encontrar os que deixaram na terra. Para quem suspira pelo ser amado e perdido, é de intensa alegria seu encontro com ele naquela etapa de prova. Algumas vezes o espírito puro, que nas mais longínquas esferas descansa ou atua, desce ao Palácio com o fim de revelar-se como ser vivente e amante, e ministrar ensinamentos espirituais aos que choram sua morte física.

Junto ao grande altar está a porta de entrada à capela do fogo, onde, entre tormentos físicos e morais, os pecadores expiam suas culpas. Frequentemente, o sofrimento consiste no persistente e angustioso recordar do ser amado, cujo espírito invisível atravessa a porta da capela do fogo para consolar e guiar o paciente em sua dor.

A profunda amizade mútua que existe entre eles, os une na terrível prova, embora a cega e rebelde alma o repila, embora os homens descrentes neguem a existência do Poder Regulador do Pai, cuja providente mão os resguarda da turbulência dos elementos e cuja voz ordena à Natureza que edifique para eles uma mansão fora do caos. Do mesmo modo que os prodígios cotidianos são ninharias para quem se atira ao lodo em busca de gozos pessoais, assim a alma expiante, ainda velada, caminhará entre os mais estupendos milagres sem compreendê-los; sem saber, irá de mão dada com o ser querido, por cuja perda continua sofrendo e chorando.

A obsecação e a ignorância são as causas radicais do lento avanço do homem pela senda espiritual, e só sua vontade pode extirpá-las. Cada qual deve fazer isto por si mesmo. Nem ao Cristo, nem ao Pai, nem a quem possa voltar da outra vida, lhes incumbe descerrar o véu e despertar o adormecido.

Quando em seu sono se remexe, encontra de um e outro lado sólidos auxílios para ajudá-lo a despertar-se. Com o despertar chega a visão e gradualmente a faculdade de

discernir o que vê. A seu devido tempo, será capaz de ver o conjunto de regras e aforismos chamados "Luz no Caminho", que aparecem inscritos na parede para serem lidos pelos que forem capazes de fazê-lo. Alguns veem estas paredes conforme eu a vi no princípio, isto é, como uma chama de pedrarias. Todavia, mais cedo ou mais tarde, a refinada vista penetra o Significado daquele esplendor e as joias se mostram como palavras preciosas que cintilam a luz anelada pelo discípulo.

Nunca vi nesta capela senão um atril com um grande livro. Segundo agora sei, este livro só pode ser lido por quem tenha a instrução e um guia, porque é preciso que a mão do Mestre vire as folhas e vá assinalando as palavras. Cada qual lê as que melhor correspondem ao seu caráter. As palavras inscritas na parede convêm a todos os discípulos em geral, mas as do livro só convêm a cada um deles, em particular. Quando não há Mestre que ensine, o livro permanece fechado para os espíritos dos homens terrenos que, faltos de auxílio, não podem compreender o que contém cada página, nem o que nelas está escrito.

Conforme eu disse, alguns espíritos são incapazes de realizar seu anelo sem se apoiar na ideia do amor maternal, e para eles a Virgem Maria descerra o véu que separa o finito do infinito. Espíritos humanos vão passando continuamente ante sua imagem, e desaparecem além nos espaços eternos.

Ainda mais distantes da vida física existem estados e condições conhecidos por aqueles que, libertando-se de seus corpos físicos, viajam e caminham fora da matéria. Muito além do Palácio da Instrução, há um lugar situado bem longe das condições materiais, onde os Mestres dos homens recebem inspirações e ideias. Os psíquicos o veem como um grandioso edifício alçado sobre um solitário penhasco, sito no meio de um imenso mar. Veem ali alados mensageiros, que voam em grupos das águas para a terra, e todos os que o têm visto estão acordes em determinados pormenores. Todos veem uma espaçosa sala, num de cujos lados, próximo à parede, há uma grande mesa na qual muitos espíritos escrevem continuamente. Todos veem uma larga escada que conduz a um andar superior, e ao pé dela têm visto simultaneamente coros de figuras dançantes que, descendo ligeiras e graciosas como adolescentes, chegam até o centro do salão e ali dançam com a espontânea naturalidade dos insetos alados no ar.

De repente, como se soubessem que está preparado para eles o serviço, metamorfoseiam-se em aves, pegando a mensagem que os espíritos escreveram na mesa; saem pela grande porta que se abre sobre o mar, e voam sobre água, desaparecem a longinqua distância.

Estes mensageiros estão convenientemente dispostos para entrar nas esferas materiais e pelos esforços daqueles que trabalham no umbral da vida humana são capazes de encontrar os homens ansiosos de inspiração para empregá-la em proveito do mundo.

Só dos que trabalham em benefício de seus semelhantes, é que se aproximam estes paraninfos celestiais atraídos pela força da afinidade psíquica. O homem ambicioso fica sem o seu auxílio por empregar seus talentos em utilidade egoísta. As obras de um escritor ou a eloquência de um orador que procede assim, carecerão de ideias espirituais e logo cairão, no esquecimento. Mas influência semelhante a do íma

é exercida pelo trabalhador intelectual desinteressado, cujo único desejo é o de ser útil à humanidade. Roçando as águas do grande oceano, através do eter, a eles chegam diretamente os arautos do céu.

EPÍLOGO

O Despertar é um acontecimento tão grandioso na vida psíquica, que os homens adormecidos são incapazes mesmo de vislumbrar sua magnitude. Transforma a aparência de todas as coisas, de maneira que em realidade nos dá um novo Céu e uma nova terra. Os espíritos adormecidos moram, quando encarnados, no cárcere de um corpo, olhando as paredes deste cárcere como o limite do universo; e quando desencarnados, brincam ou dormem como criancinhas.

O espírito parcialmente desperto olha além das portas do seu cárcere, vê os espaços espirituais e pouco a pouco aprende a caminhar em curto trecho deles. O espírito inteiramente desperto domina os adormecidos e lhes mostra coisas que ignoram, à semelhança de um homem que, entrando numa casa escura, abrisse as janelas que ocultam o esplendor da aurora e mostrasse seus raios aos adormecidos moradores que se despertariam para admirá-los.

É o grande médico, o grande mestre, o filho de Deus, um daqueles espíritos que só de tempo em tempo surgem na história da humanidade. Chega só, no que corresponde aos seres encarnados, porém é rodeado e assistido por legiões de espíritos invisíveis para o comum dos homens. Vem avançando por aquelas áureas portas, sitas além do grande mar em que flutua o universo material, e realiza um verdadeiro sacrifício ao encarnar-se em corpo de natureza idêntica ao dos espíritos despertados aos quais acompanha.

Os homens parcialmente despertados estão sob a ação da mesma lei de amor que emana daquela nativa confraternidade, e eliminam todo temor ao sentir a proteção e ajuda que sobre eles fluem de invisíveis e misteriosos mananciais. Sua existência não é mais caótica e casual; tem finalidade ordenada, ainda em meio das piores desgraças que lhes possam sobrevir, e na hora de extrema agonia os elevará à mística bênção da vida espiritual.

O espírito desencarnado e desperto está cheio de sabedoria, que é o primeiro dos inestimáveis dons concedidos aos que para sempre eliminam de si o sono e a preguiça. Está iluminado e conhece o fim de sua existência e o futuro destino da raça de que faz parte integrante. Sabe qual é o seu lugar naquele Amor do qual é também partícula integrante, pois vive em todas as coisas e a todas mantém, *sustém* e guia. Sabe o seu lugar na imensa chama de fogo criador cujas chispas prendem novos lumes nas esferas terrestres, para reanimar os seres de sua raça e espécie. Não pode alcançar a plenitude nem possuir a herança, até que toda a raça a que pertence tenha surgido das trevas para a luz; porém, não obstante, espera e trabalha incessantemente, sem pena nem fadiga, porque sabe para o que trabalha e o que espera.

Quando desaparecerem as trevas da ignorância que cobrem a terra como um toldo, desaparecerão também toda dor, todo desgosto, toda perturbação e angústia.

O único anseio do espírito desperto é o de persistir na penetração do coração das coisas que mantêm a ventura e a esperança no interior do seu ser.

A primeira conquista do espírito desperto é a de saber quem é, porque existe, e qual é o destino da raça humana. A segunda conquista, que chega imediatamente após, é a do sentimento do amor a raça toda, do qual nasce a potência dos esforços em proveito dela. Semelhantes sentimento e potencia são inconcebíveis para o comum dos homens e inacessíveis para os parcialmente despertos. Pois isso só é possível quando a sabedoria chega ao espírito e o ilumina plenamente. Muitos homens e mulheres sabem que o amor é a fonte do deleite.

Em sua cega arrogância, os homens frequentemente se envaidecem por amar apenas os que escolhem para amigos. Tais homens não pertencem à ordem sublime cujos indivíduos conversam com os pecadores e publicanos, quando visitam a terra. Não chegaram ainda à perfeição moral em que o amor levanta chamas de fogo no coração, sem preferências nem predileções. Verdadeiramente ainda não sabem o que é amar.

Aqueles que o provaram, ainda que em proporção mínima, estão cheios do anseio de viver amando e se veem impelidos para o supremo esforço pelo sentimento de que ainda não começaram a viver ardentemente, de que são apenas crianças entretidas no umbral da vida. A ânsia de despertar, de ressurreição, de adiantamento, brota finalmente no preguiçoso e o transfigura, encaminhando-o para a posse de sua herança. Todo aquele que sacode o sono e começa a convencer-se de que a vida e o amor e a atividade são sua herança, impele progressivamente a raça humana e chega a ser um benfeitor da Humanidade.

UM SALÃO MÍSTICO DE INSTRUÇÃO

por ALEX

No curso das experiências desenvolvidas durante três anos e meio, o articulista tem sido gradualmente despertado para um estado de consciência em que é possível obter-se o conhecimento e a instrução do Plano do Logos (1). Aqui também se pode trabalhar sob a orientação de Inteligências superiores, para o auxílio deste Plano, e, ao acelerar a gente a sua própria evolução, auxilia a do gênero humano.

Ao expressar por meio de palavras físicas as experiências e sensações que ocorrem enquanto a consciência está funcionando nos reinos superfísicos, a gente é obrigada a empregar a linguagem dos símbolos. O cérebro, sendo um órgão físico, só pode interpretar os trabalhos da mente nos planos superiores comparando sensações produzidas nele com as que derivam da operação dos sentidos físicos.

Assim, quando, no esforço para expressar o fenômeno desses planos superiores, se faz uso de expressões tais como "eu vejo", "eu ouço" ou "eu sinto" - não se deve pensar que os órgãos dos sentidos estejam sendo estimulados. Segue-se, portanto, que os objetos descritos como causadores das sensações da vista, ouvido ou tato, não são atualizados da matéria física, mas apenas figuras da exposição simbólica das influências superfísicas, que impressionam a mente e que o cérebro se esforça por interpretar.

O articulista tem notado, todavia, que as sensações que ele interpreta como da "vista", outros, investigando o mesmo fenômeno, as interpretam pela mesma expressão. Além de que, ainda nos símbolos usados para se exprimir aquilo que causa a sensação, é notável um pronunciado grau de similaridade.

Os pequenos detalhes podem variar com os diferentes observadores, mas o uso de certos símbolos de forma, cor, tamanho e localidade, para exprimir sensações particulares, é quase universal. Manifestando, pois, com o auxílio desta simbologia, o que se pode denominar "exterior" deste estado de consciência o articulista está animado da esperança de que ele se fará inteligível àqueles que tenham tido experiências análogas, e de que estas notas possam ser úteis aos propósitos coletivos. Talvez também aqueles que estejam se despertando agora para estas regiões da Natureza, possam encontrar algum auxílio para si na compreensão e utilização das experiências por que estejam passando.

Este estado de consciência é mais bem descrito dizendo-se que o investigador do conhecimento é transferido para um plano onde está situado um grande salão, conhecido como o "Salão da Instrução", embora seja algumas vezes citado como "Salão da Memória" ou o "Salão de Ouro". Ali dentro o investigador pode estudar, ouvir os discursos dos Mestres ou Instrutores e até ser pessoalmente instruído por Eles.

A transferência do plano físico para a do Salão pode efetuar-se de várias

maneiras.

Uma vez obtida alguma prática, a mudança pode ser feita quase instantaneamente, por um simples esforço de vontade. Contudo, nos estágios iniciais as experiências são algo arriscadas e a mudança assume a natureza de uma viagem. Para o primeiro estágio desta viagem, é necessária a abolição do corpo físico. Está fora do plano deste artigo discutir os meios pelos quais isto se efetua; é bastante deixar-se o corpo físico, que a alma se lança na pesquisa do conhecimento, às vezes só, porém, mais usualmente, guiada por outros de mais experiência. Ao descrever o curso que segue tal pesquisador, em sua viagem para o Salão, o articulista intenta referir os fenômenos que lhe podem ocorrer em sua experiência. Não se pense seja necessário ao investigador experimentá-los todos durante a sua viagem, mas, antes, que qualquer um deles lhe poderá surgir.

O Caminho Para o Salão. - A alma, tendo deixado o corpo físico, encontra-se no espaço, infinito e vazio. Após um intervalo de contemplação, emerge o desejo de prosseguir. O desejo é no mesmo instante satisfeito: a alma se move, ou melhor, parece-lhe que o espaço se move atrás dela. Torna-se-lhe visível uma grande montanha cônica, que se ergue para o infinito, e rodeando-a, pode-se distinguir o bosquejo de uma estrada.

O desejo de investigar produz um novo movimento, e o investigador se vê então nessa estrada. Dessa experiência se podem colher os primeiros frutos da investigação. É evidente que, nestes reinos, desejar significa obter. O fator governante parece ser a vontade. O investigador aprende mais tarde que a possibilidade de se obter um objeto depende da força, domínio e direção ou concentração da vontade. Assim, e obvio que, para progredir na investigação do conhecimento, ele deve esforçar-se por guiar e fortalecer a sua vontade.

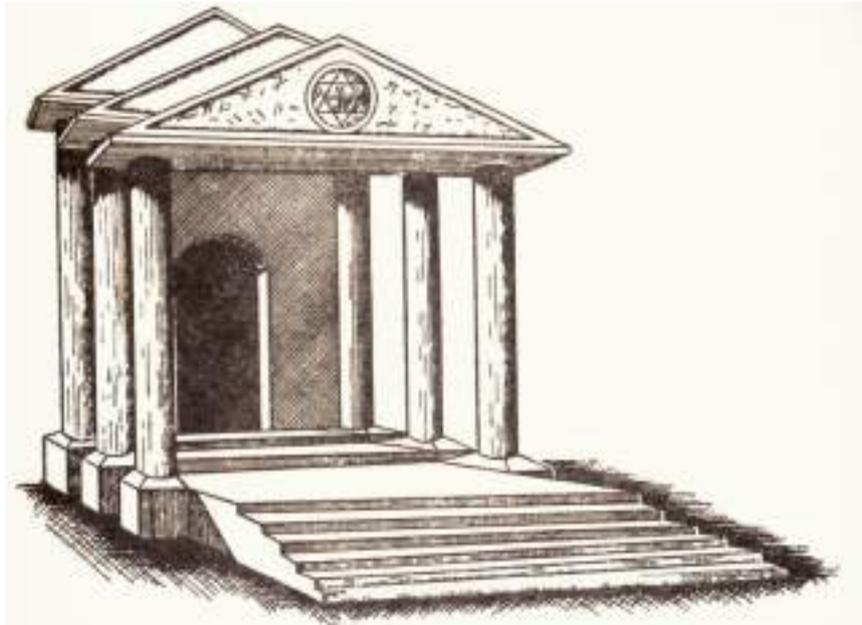
A estrada em que o investigador se encontra agora, parece ter uns doze pés (3,65 m) de largura e estar coalhada de gelo. Em cima estão os píncaros da montanha, e embaixo, um abismo insondável. A uma pequena distância, a estrada finda num precipício. Oposto a ele e separado pelo abismo, ergue-se perpendicularmente um penhasco, não muito alto.

N o topo do penhasco há um planalto, e em cima deste, o Salão. Seguindo o planalto e caindo no abismo, encontra-se um rio chamado o "Rio da Sabedoria" ou do "Conhecimento"; algumas das águas dessa Sabedoria Divina cai na terra, que se pode divisar lá embaixo, qual um pequeno globo.

Entre a borda do penhasco e o Salão arde um fogo "purificador", abanado por um Vento denominado o "Sopro da Vida". Se o investigador prossegue na sua indagação, use ele o conhecimento adquirido e a vontade de avançar. Se ele assim procede, parece-lhe ter dado um passo para dentro do precipício. Primeiro isto lhe pode causar uma sensação de medo, e proporcional a este medo, uma sensação de queda. Algumas vezes os guias ou auxiliares sustêm a alma tomada de terror. À custa de experiência, ou conhecimento, este passo para o precipício é dado sem temor, e o investigador se move, atravessando-o até que alcança o penhasco oposto. Ao atingir-lhe a encosta, que tem a aparência de um vidro, o investigador faz um suave movimento ascensorial, até que atinge o topo e se encontra no planalto. Aqui ele se defronta com uma nova prova. Para alcançar o Salão, é-lhe necessário passar pelo fogo. Se, provando a experiência, o investigador avança intrépido,

ele verificará que atravessa ileso o fogo, e encontrar-se-á em frente do Salão.

O *Exterior do Salão*. - O Salão é de mármore branco e o seu recinto belamente iluminado por uma luz doirada, que o circunda. Às vezes se veem outras cores, porém, a dourada ou amarela é a predominante. As paredes laterais que correm paralelas à margem do penhasco têm um amplo caixilho longitudinal, em que se acham as janelas. O teto do Salão é de forma semi-elítica; a parede fronteira é absolutamente plana, à exceção de um pórtico que se lhe ergue no centro.



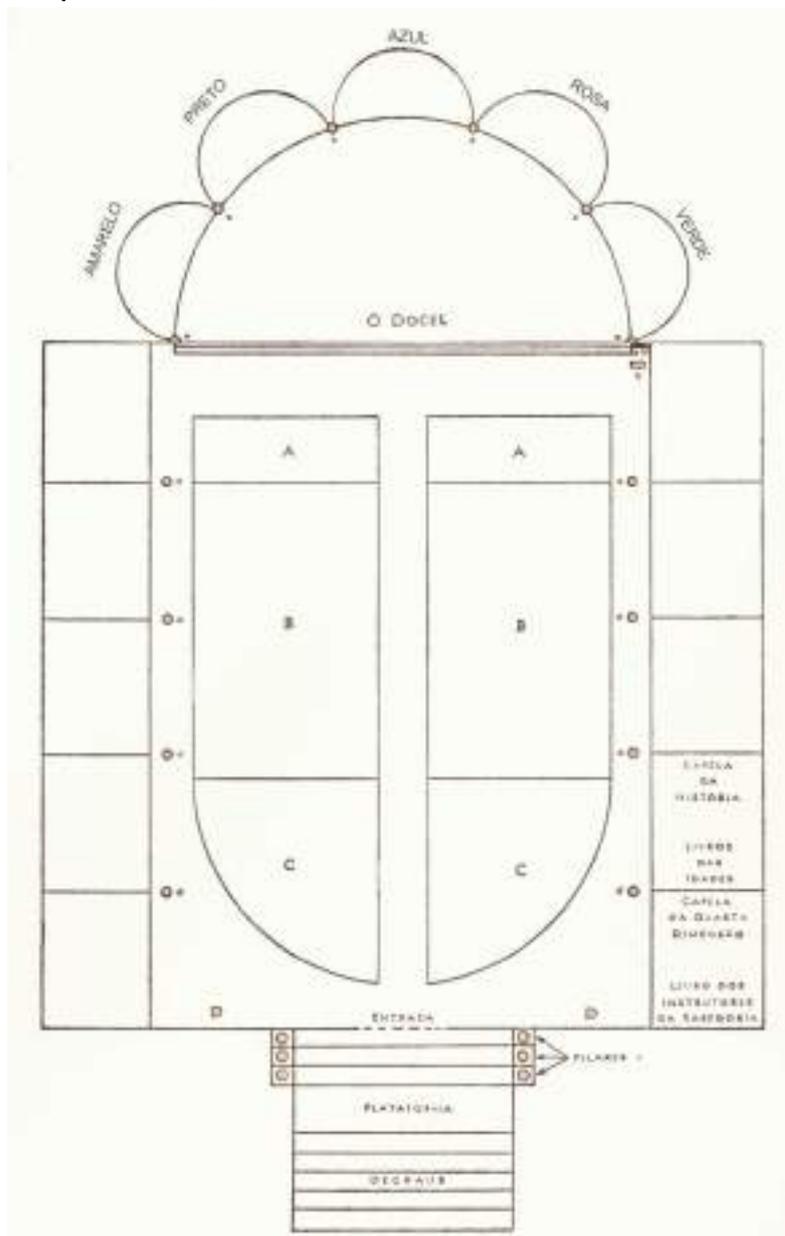
O *Pórtico* - Consiste de três partes. Na frente se ergue da terra uma escada de seis degraus, alargando-se o último para formar um patamar ou plataforma. Além está o "pórtico", propriamente, e por fim, a porta ou a "entrada" para o Salão. Nada há digno de nota na primeira parte. Dentro do pórtico, e erguendo-se para a estrada, estão mais dois degraus; em ambos os lados destes e da plataforma se encontram colunas de mármore, em forma cilíndrica, sobre bases quadradas, niveladas com o degrau que elas franqueiam.

Cada par de colunas suporta uma laje de pedra maciça, na qual se vê gravado um triângulo do mesmo material. As lajes sobressaem-se umas às outras, estando a última e a mais elevada em contato com a parede fronteira do Salão, e conseqüentemente, cada triângulo se eleva um pouco mais alto do que o que lhe está na frente. A gravura do triângulo fronteiro é como a que apresenta o desenho anexo, o qual também indica a posição do escrito hieroglífico que se encontra neste triângulo.

A *entrada* mesma está fechada por uma vigorosa porta lisa de carvalho, bem encaixada dentro da parede. A ela se prende uma aldrava cordiforme, de ferro e prata. Transpor esta porta é a parte mais difícil e requer o emprego de uma intensa força de vontade. Todavia, logo que o investigador o consiga, a porta, que parece nunca abrir-se, passa-lhe por cima e ele se vê por fim dentro do Salão.

O *Interior do Salão* - Este é quadrado e tem um anexo semicircular no extremo final da entrada. Como, entretanto, uma parte do lado oposto se acha guarnecida de

cortinas, o corpo do Salão apresenta uma forma retangular. O espaço das cortinas está dividido de sorte a formar diversas salas ou "capelas". Dois degraus muito empinados sobem para o docel semicircular, que parece elevar-se cerca de sete pés acima do corpo do Salão; e dando para este, existem cinco alcovas também semicirculares.



A disposição geral está demonstrada no desenho junto. Para entrar em detalhes:

O Corpo do Salão - É aberto e geralmente desprovido de móveis. Por ambos os seus lados se estende uma linha de colunas de mármore liso, em forma cilíndrica, perto das cortinas laterais.

No pequeno espaço à direita dos degraus, em direção ao docel, está uma pequena estante, em que se encontram dois livros grandes. O que está à esquerda (A) chama-se "Livro do Mestre do Tempo"; nele se acham os relatos pormenorizados de todas as vidas. Está escrito em caracteres hieroglíficos, mas, à medida que estes vão sendo lidos, os acontecimentos relatados se apresentam espontaneamente, à maneira de uma série de quadros vivos, embora seja simulada a produção do som. A tradução torna-se por isso fácil. O prefácio do livro dá melhor a ideia de seu caráter e escopo. Reza o seguinte:

"*Livro do Mestre do Tempo, em que se acham inscritas as épocas de todos os acontecimentos.* O tempo, tal como a terra o conhece, não tem nenhum valor; mas o tempo dos períodos de vida física são as épocas pelas quais cada Ego o conta, e são estas as que se acham aqui inscritas. O registro é acessível a todos; assim é que contam suas vidas como se contam dias. Tal qual se relembram os dias já decorridos, assim se relembram os "Dias" de vida.

Se nem todos os acontecimentos diários são lembrados, tampouco o são os acontecimentos da vida. Não obstante, todos eles estão aqui inscritos, e a memória refrescada pela leitura lembra os acontecimentos da vida. É para isso que se escreveu *este* livro... Não para que os Mestres possam ler e julgar os trabalhos na vida, quando tiverem que cogitar do passado, pois Eles os conhecem independente de leitura - mas para que a alma possa ler os acontecimentos de sua própria vida. Destarte, refrescando a sua memória com as experiências do passado, ela pode aumentar sua força para o futuro. Os que leem, compreendem muitas coisas que antes lhes eram inexplicáveis. E ainda que os acontecimentos fossem lembrados, os pormenores ficariam esquecidos, e sem os pormenores, os acontecimentos perdem o valor."

O outro livro, que está à direita (B), é chamado "Livro da Vida", e às vezes "Livro do Carma". Difere do "Livro do Mestre do Tempo", em que dá apenas um sumário das vidas e uma explicação geral do carma gerado e esgotado em cada uma. Não raro é isto representado por um diagrama.

Este livro é usualmente o único acessível aos que buscam conhecimento de suas vidas anteriores, mais por motivo de curiosidade. Uma vez aprendidas as lições que se obtêm de sua leitura, tornam-se proveitosos aos estudantes os relatos detalhados apresentados no "Livro do Mestre do Tempo".

Em frente destes livros está um atril, em que são colocados na ocasião da leitura.

No Salão existe geralmente um certo número de pessoas, que formam três classes distintas. Uma classe consiste das que estão conscientes durante a sua permanência no Salão, conquanto isto não signifique, necessariamente, que levem toda a recordação desta consciência para os seus cérebros físicos. Vemo-las estudando os livros, e discutindo, ou entre si ou com os instrutores, vários ramos de conhecimentos, ou então passeando para dentro e para fora das capelas. A segunda classe são das que estão adquirindo consciência no Salão. Vagueiam observando uma coisa por pouco tempo, e passando depois para uma outra. São as que vêm para o Salão em busca de fatos em vez de "um" fato, em busca do que existe para ver, em lugar de um objeto definido, e por isso, pouco é o que aprendem.

A terceira classe, de um número muito maior de membros, é constituída das pessoas que, embora suficientemente desenvolvidas para alcançar este plano durante o sono, não estão ainda despertas ali. Vagueiam sem destino, a maioria numa condição sonolenta, e não estão presentes quando se ministra um ensino especial.

Nestas condições, os assentos estão colocados no Salão da maneira indicada no desenho. São dispostos de modo a deixarem uma nave central e duas laterais.

Segundo parece, a distribuição destes assentos obedece a uma ordem de precedência.

Na parte (A) se sentam os estudantes mais adiantados, de todas as correntes de alto espiritualismo. Em (B) está o grupo principal dos que atuam no Salão, ao passo que em (C) se sentam os que permanecem nos estágios de consciência menos adiantados nestes reinos. Nos espaços abertos (D) ficam alguns da classe supracitada, os recém-chegados, que acabam de conseguir ingresso no Salão. Estes parecem estar apenas semiconscientes do que está se passando.

As Capelas - Como já foi dito, uma parte das alas laterais do Salão está guarnecida de cortinas, e além disso, este espaço está repartido de modo a formar diversas capelas, ou áreas, de conhecimento. Em frente às cortinas, e oposto a cada um destes compartimentos, está uma das colunas de mármore já descritas.

Em cada uma destas capelas, aparentemente, se estuda um ramo especial de conhecimento, sob a direção de um Instrutor, e ali existe um livro que contém e expõe o conhecimento dessa matéria em particular.

As tapeçarias são grossas e de uma acentuada cor lilás. Dividem-se na frente de cada capela, para permitir a entrada. O articulista não pôde certificar-se quantas capelas existem no Salão. As duas mais próximas da entrada, do lado da mão direita, estão cheias de uma cor lilás escura. A primeira destina-se ao estudo da Quarta Dimensão, e o livro que trata disso é chamado "Livro dos Aprendizes da Sabedoria". Na capela vizinha pode-se estudar a história do mundo. O seu livro é conhecido pelo articulista como "Livro das Idades"; nele estão inscritos os acontecimentos históricos do esquema, não de pessoas mas de coisas.

Os Degraus - Os degraus que conduzem para o docel parecem altos e compridos, abrangendo toda a largura do docel.

O *Docel* - Como ficou dito, este parece estar cerca de seis pés (1,83 m) acima do corpo do Salão. É semicircular e está normalmente cheio de uma luz brilhante, amarela ou dourada, que se irradia para o corpo do Salão, e mesmo além, pelo pórtico, até o espaço circundante.

Às vezes se veem outras cores, porém a amarela é a predominante. É deste docel que se fazem os discursos ou se ministram os ensinamentos. Alguns dos Seres superiores que proporcionam estes ensinamentos, não permanecem de pé sobre o docel, mas apresentam-se um pouco acima dele. Parece que os estudantes deste Salão nunca sobem ao docel, conquanto os mais adiantados subam, às vezes, a um ou outro dos degraus que para ali conduzem.

As Alcovas - Além do primeiro docel existem cinco "alcovas", ou recessos. Estas também são semicirculares; os seus diâmetros, todos de igual extensão, formam cordas para o arco do docel, em cujo perímetro se encontram umas com as outras. Nestes pontos de junção se erguem as colunas de mármore, diferentes das do corpo do Salão por terem uma espiral gravada ao seu redor. As alcovas, à exceção de uma, estão inundadas de uma luz colorida, intensamente brilhante, e cada uma delas tem a sua cor particular invariável. A esquerda, que dá para o docel, é amarela e parece ser a refração desta cor que determina a tinta característica do Salão. É difícil descreverem-se estas cores e mais difícil ainda a sua reprodução. Talvez se consiga formar uma ideia delas pensando, por assim dizer, nas "oitavas" mais elevadas da cor, mais delicadas, mais transparentes do que as que se podem produzir com o auxílio de cores físicas.

Assim, pode-se dizer que o amarelo desta primeira alcova se assemelha à que usa

o Senhor Leadbeater em seu livro *Homem Visível e Invisível*, para pintar o intelecto mais elevado. Contígua a esta alcova está uma do negro mais carregado, a sombra que no livro acima citado representa a malícia. A alcova central está cheia de uma bela luz azul, semelhante à que representa a devoção por um nobre ideal. O articulista encontrou dificuldade em precisar as cores das duas alcovas que ficam à mão direita. Mas a que está próxima a azul, parece ser a cor de rosa que pinta a afeição desinteressada, enquanto que a do lado direito de todas, crê o articulista estar cheia de um verde brilhante, formado da união do amarelo com o azul o que pode ser descrito como significando a compreensão ou a gratidão.

Não existe nenhuma cortina entre estas alcovas e o docel, mas o seu interior está protegido da vista por um véu grosso, de sua mesma cor. As alcovas parecem ter alguma relação com as capelas; mas como nestas se ensinam assuntos especiais, aquelas parecem ter ligação com aspectos gerais do conhecimento. As alcovas são presididas por Seres superiores aos que ensinam nas capelas. O aspecto científico do conhecimento, como o exemplificado pela razão pura, dedução lógica, precisão de métodos e investigação ordenada, parece estar ligado à alcova amarela e ser o aspecto predominante deste Salão em particular.

A alcova azul parece estar ligada ao aspecto religioso, tal como o estudo devocional, a instrução pela fé, pelo exemplo, etc... Das alcovas rosa e verde o articulista nada sabe.

A alcova do centro esquerdo é preta e está ligada ao aspecto mau do conhecimento. Preside-a um ser mau de grande poder, porém parece que impossibilitado de vir ao docel, salvo quando se lhe solicita algum conhecimento. Além disso, parece que ele teme os outros Instrutores, mesmo os de grau menor. Tentáculos negros, semelhantes aos de um octópode, às vezes parecem flutuar no exterior desta alcova; mas somente os pensamentos maus lhe abrem o véu. Quando existem alguns destes, a alcova parece fechada.

Aqueles que investigam retamente o conhecimento dentro do Salão, extraem da presença do mal apenas o conhecimento do modo como combatê-lo; nunca entram nesta alcova, mas aprendem a impedir a saída de seu habitante. Todavia, aqueles que ali entram de propósito, não saem mais para o Salão; descem por uma outra via, maligna, para a terra, a fim de colherem ali os frutos de suas más investigações nestes altos planos. Não poderão reconquistar o Salão, antes que tenham extirpado mal igual ao que aprenderam nele. Ali dentro eles alcançam poder, mas também, em igual medida, o poder que contra eles trabalhará em sua última ascensão.

Esta descrição do Salão é necessariamente incompleta, dada a inexperiência e limitações do articulista sobre este plano. Não obstante, pode servir para mostrar a larga escala de conhecimentos que uma consciência senhora destes reinos pode abrir aos seus estudos. Demais, existem outros Salões, outros aspectos de Conhecimento, outras Sendas para a Luz, que os investigadores podem seguir. Certa vez, neste Salão, Aquele que o dirige apareceu no docel em companhia de um Outro, que de hábito não era visto ali. O último assim falou aos estudantes, reunidos e sentados embaixo:

"A paz seja convosco, e através de vós, reine na terra. Aproxima-se o tempo

em que a Unidade se tomará manifesta na terra. É só essa Unidade, esse Amor e esse Companheirismo que tornarão possível a vinda do Senhor.

Que a paz seja convosco."

Este Ser desapareceu então e o Outro proferiu estas palavras aos estudantes:

"Isto vos foi mostrado para que possais compreender mais perfeitamente como somos Um. Vós vindes aqui. Uns ignoram aonde vêm; outros supõem que aqui se adquirem todos os conhecimentos. Quisera Eu, porém, que soubésseis que os conhecimentos que podeis achar aqui dentro são como um grão de areia no deserto, quando comparados com o real Conhecimento. Aqui dentro Eu ensino; aqui dentro Eu me encontro convosco; aqui dentro os Meus Instrutores transmitem o conhecimento que Eu dirijo. Mas há muitos Mestres, há muitos Salões de Instrução, há muitos caminhos de consecução. E assim, receoso de que vós, em vossa imperfeição, imaginásseis que estes caminhos diferem; que os que aqui vieram nunca entrarão ali, e que os que aqui ensinam desconhecem o que é dado fora daqui, ou que ignorásseis que Nós somos Um; que o nosso conhecimento é apenas um só conhecimento; que o nosso Amor é um só Amor - veio este Ser manifestar-se a vós, a fim de que O vísseis em Minha habitação, como outros Me verão em suas veste. Só porque Me seguís, não há nenhuma razão para que O não sigais; mas, antes, deveis segui-LO o mais possível para melhor poderdes compreender-Me. E Eu falo isto acerca de nós dois, por sermos Nós os que do Ocidente conheceis; entretanto, isso se aplica a Todos. Vós estudais aqui porque o vosso desenvolvimento tem sido assim dirigido. Nós somos Um; na terra deveis esforçar-vos também pela Unidade. Nós ensinamos em várias linhas; na terra cada um de vós deve proceder também assim, em seu determinado lugar.

Que a Paz do Conhecimento vos acompanhe."

Traduzido da revista *The Theosophist* de 1912

(1) *Loços*, O Verbo, palavra grega que designa a Divindade. (Nota da T.)